H
25
ANOS
Uma História pela Vida

HEMOMED
25 ANOS
Uma história pela vida

EDITORA
Edna Pereira

FOTOGRAFIA
Nario Barbosa

DIAGRAMAÇÃO
Demetrio Damiani

ILUSTRAÇÃO CAPA
Seri

REVISÃO
Rita Camacho

COMERCIAL E MARKETING
Edson Medeiros

CONSELHO EDITORIAL
Adelson Alves
Antonio de Pádua
Bruno Santucci
Júlia Pinheiro Medeiros
Milene Santucci
Rodrigo Santucci

"Acalmo meu espírito resgatando as pessoas para a vida".

Dr. Adelson Alves, presidente da Hemomed Oncologia e Hematologia

NOSSA HISTÓRIA

A saúde como paixão de um idealista

Dr. Adelson Alves, presidente e fundador da Hemomed Oncologia e Hematologia

Caruaru, distante pouco mais de 130 km da capital pernambucana, é conhecida mundialmente por realizar uma das maiores festas de São João do Brasil. Foi nessa cidade musical e festeira que nasceu Adelson Alves, filho de Antonio e Gercina. De lá, partiu para a capital Recife para estudar medicina na Universidade Federal de Pernambuco, transformando-se, assim, no Doutor Adelson. Uma vez ao ano, ele visita sua terra natal para recordar as boas lembranças da infância.

O jovem médico buscou desafios em centros maiores e escolheu São Paulo para aprimorar a carreira. A história da Hemomed Oncologia e Hematologia é toda norteada pela capacidade empreendedora de Dr. Adelson, que, desde muito jovem, somou competência com senso de oportunidade, para trilhar caminhos nunca imaginados dentro da medicina oncológica. Tudo isso sem nunca perder o foco humano da relação médico-paciente.

A Hemomed, hoje com 11 unidades na capital paulista e mais seis cidades da Grande São Paulo e Baixada Santista, representa apenas parte do sucesso daquele que chegou a São Paulo como residente do Hospital das Clínicas para cursar especialização em pediatria e hematologia pediátrica.

As Oportunidades

A Hemomed nasceu de uma das oportunidades que Dr. Adelson decidiu não desperdiçar, há 25 anos. Na época, ele já havia ingressado no empreendedorismo da saúde com o Hemocentro São Lucas.

Dentro dos hospitais, atendendo a demandas da medicina transfusional, Dr. Adelson foi convidado a ampliar a atuação na área das doenças

"Se a pessoa não é cidadã na sua terra, não será em lugar algum do mundo. Por isso, visito Caruaru todos os anos e lembro que de lá trago minhas raízes e os valores de família que aprendi, desde cedo, ser a base de tudo".

"Devotei todas minhas forças para socorrer as pessoas doentes. Diante da doença, não há valentia. Vi que, em nossa espiritualidade, a pessoa sublima a dor. Mas, como médico, entendi que é preciso doar carinho, acolher e fazer o paciente entender que não está sozinho na batalha pela vida".

do sangue. Assim, começou a clinicar e a ofertar tratamento para os casos de onco-hematologia.

Dr. Adelson lembra que, ao longo da primeira metade de sua vida, havia presenciado o sofrimento e a injustiça, quando a família passou por dificuldades econômicas. Mas foi na medicina que ele diz ter aprendido sobre a maior fragilidade das pessoas: a doença.

Foi com uma visão humanizada sobre o trato do paciente com câncer que a Hemomed avançou como referência no segmento oncológico e onco-hematológico. A primeira unidade nasceu na rua Alvorada, na capital paulista, onde se organizavam dois consultórios, uma sala com três poltronas para as sessões de quimioterapia e um posto de enfermagem. E desde o começo, Dr. Adelson contou com o apoio de um fiel escudeiro: o irmão Antonio de Pádua que até hoje divide o dia o dia do negócio em ele.

As instalações modestas destinavam-se a funcionar como um departamento do Hemocentro São Lucas para atender pacientes onco-hematológicos. Pouco tempo depois, a Hemomed ganhou sede em Guarulhos, na Grande São Paulo, primeira unidade estruturada para atendimento oncológico da cidade, e o endereço da rua Alvorada ficou destinado ao congelamento de células-tronco do hemocentro. Nas novas instalações, a Hemomed começa a trilhar caminhos de inovação ao criar a primeira farmácia de manipulação de quimioterápicos.

A iniciativa, mais uma vez, marcou positivamente sua reputação, já que o controle de qualidade dos quimioterápicos era uma das garantias das quais a Hemomed não abriria mão para definir os protocolos de tratamento. A segunda unidade foi aberta dentro do Hospital Santa Marina,

na zona sul de São Paulo, e, pouco tempo depois, o terceiro endereço, no bairro Pacaembu, que abrigou, além do atendimento a consultas e tratamento, a sede da empresa.

Acolhimento e generosidade

Dentre as paixões que Dr. Adelson cultiva na vida pessoal, está a música My Way, composta há mais de 50 anos pelo francês Jacques Revaux, mas consagrada mundialmente na voz de Frank Sinatra. Uma das frases da letra, que traz várias ponderações sobre escolhas feitas ao longo da vida, diz que "Fez o que tinha que fazer e fez do seu jeito". Para o Dr. Adelson, muitas decisões que deram à Hemomed características genuínas sofreram incompreensão inicial, sobretudo daqueles que, por vezes, não entendiam que o sucesso de um negócio não se mede apenas pelos resultados financeiros.

O acolhimento dos pacientes e os cuidados na humanização do tratamento passam também por disponibilizar seus ônus, acesso a algum tipo de alimentação para suportarem as longas sessões de quimioterapia ou espera das consultas.

Neste contexto, foi oferecido, sem custo, o acesso dos pacientes ao estacionamento da empresa. Para ele, é preciso exercitar a empatia com o paciente e abarcar também questões práticas de acolhimento.

Foi com esse olhar, que ultrapassa os mandamentos da ciência, que Dr. Adelson notou outra necessidade relativa à angustia dos pacientes pela espera dos resultados de alguns

"Meu objetivo sempre foi atender o paciente da melhor forma. Mas não fujo das oportunidades que a vida me traz. Deus, em sua infinita bondade, me poupou os sentimentos do medo e do ódio".

Dr. Adelson Alves, em 1973, em frente à antiga Clínica de Hemoterapia Pacaembu.

Antonio de Pádua,
co-fundador

exames, necessários para início do tratamento. Era preciso reduzir o transtorno e sofrimento dos pacientes submetidos a exames da medula óssea, uma das experiências mais estressantes e dolorosas na investigação de doenças do sangue.

O sistema convencional exigia que o paciente, após a coleta do material, aguardasse de uma semana a dez dias para conhecer o resultado. Quando, porventura, o diagnóstico era inconclusivo, novo procedimento se fazia necessário, submetendo o paciente a novo ciclo de estresse e ansiedade.

A Hemomed, então, investiu em laboratório próprio de citogenética. O ganho não foi apenas de tempo — o resultado agora sai em 24h —, mas também da segurança do diagnóstico, pois eventuais dúvidas são dirimidas "dentro de casa", entre os profissionais de patologia, que analisam o material coletado, e os médicos, que avaliam a coerência do resultado com as condições clínicas.

Em novo investimento em favor do paciente, a Hemomed criou ambiente com tecnologia avançada e altamente estéril, para a produção dos quimioterápicos. Além disso, Dr. Adelson não abre mão de corpo clínico com dedicação exclusiva, como forma de garantir uma relação próxima e continuada com os pacientes. E uma equipe interdisciplinar que reúne fisioterapia, nutrição, psicologia e até gestores administrativos amplia a visão e o acolhimento ao longo do tratamento oncológico.

Vocação e paixão

A sensível área da oncologia precisa, sim, que a ciência avance de

forma incessante em busca da cura. Mas a ciência, por sua vez, necessita de profissionais dispostos não apenas aos estudos, como também à prática dos conhecimentos médicos. Apesar de ser defensor da ciência e da utilização de suas evidências para o exercício da profissão, Dr. Adelson explica que é preciso observar que o câncer consiste no desequilíbrio do sistema de produção das células, sendo que tal descontrole, na prática, resulta das atitudes do ser humano e das condições do meio ambiente onde vive.

São essas atitudes que podem funcionar como o gatilho das predisposições genéticas. Para ele, o câncer é fruto de agressões químicas, biológicas, físicas e psíquicas, e cita o estresse como um exemplo causador da baixa de imunidade. Segundo explica, nessa condição o organismo não reage à produção celular anormal em descontrole, porque entende a célula cancerígena como suas células de linhagem normal (self cell). Por isso, Dr. Adelson diz que é preciso ouvir o que acontece com o paciente do ponto de vista comportamental e não apenas "o que ele tem".

É com esse olhar apurado para entender o câncer para além das evidências científicas, valorizando a observação do comportamento humano, que Dr. Adelson continua a protagonizar a história da Hemomed. Uma empresa que ganhou o respeito da comunidade médica e se tornou referência no tratamento oncológico e onco-hematológico ao longo de 25 anos, graças a desfechos clínicos bem sucedidos que têm superado as expectativas. Para o criador da Hemomed, medicina, além de ciência, é paixão em servir ao próximo. E paixão, segundo Dr. Adelson, não se explica.

Primeira sede da Hemomed, em Guarulhos (SP), na Rua Santo Antonio.

NOSSA HISTÓRIA

Inovação, desafios e reconhecimento marcaram a expansão

Julia Pinheiro Medeiros, CEO

A construção da história da Hemomed foi alicerçada no tripé Ciência, Gestão e Humanização. Abordamos ciência e a humanização logo no início dessa obra. E quanto à gestão, o princípio adotado pelo fundador, Dr. Adelson Alves, aponta para três critérios indispensáveis: competência, trabalho em equipe e lealdade. São parâmetros que contribuíram para que ele se cercasse do que chama de "os escolhidos" para serem capacitados.

E nesse time de capacitados, destacam-se a CEO Julia Pinheiro Medeiros e a diretora Executiva Milene Santucci, numa demonstração clara de que a Hemomed valoriza aqueles que somam com seus valores, objetivos e sonhos.

Julia conta que, em 2014, durante a reunião do *board*, foi lançada a pergunta: "O que queremos fazer pelo futuro da Hemomed"? A resposta, certamente, haveria de transpassar as questões médicas e abranger o futuro sustentável. Se a oncologia está entre as três áreas mais onerosas da medicina, atrás apenas da cardiologia e da ortopedia, era preciso pensar na sustentabilidade de todo ecossistema. Visando melhores resultados de toda a cadeia de atendimento.

Gestão em Oncologia

A área médica da Hemomed, naquele 2014, já havia provado capacidade e seguia construindo forte elo de confiança com os pacientes. Faltava tornar os resultados tangíveis, ampliando a visão do mercado com relação aos valores agregados do conhecimento e transparência da gestão Hemomed ao longo do tempo.

"A gestão traçou objetivo que privilegiasse a visão social do ecossistema de saúde, pois ao melhorar os parâmetros assistencial, econômico e de resultado, geramos melhor eficiência com menor impacto financeiro", Julia.

Há cinco anos, levamos um novo modelo de remuneração ao mercado e hoje somos reconhecidos por isso, além de benchmark para o segmento. Temos crescido exponencialmente o atendimento e temos a aprovação das operadoras de saúde. Nos especializamos no controle de custo, com respeito às necessidades dos pacientes", Milene.

A diretora Executiva, Milene Santucci, enfatiza a importância de ter corpo clínico alinhado aos valores institucionais da empresa. Lembra que isso gera maior engajamento dentro da cultura de atendimento em toda linha do cuidado com o paciente, com motivação e alto desempenho de resultado.

Expansão

O êxito comprovado do modelo de gestão da Hemomed suportou o plano de expansão da rede, que atende a dez mil pacientes por mês em suas onze unidades próprias e nove pontos de atendimento hospitalar. Grande parte das novas unidades foi criada a partir de 2016, quando o novo formato de negócio já estava consolidado junto das operadoras de saúde.

A Hemomed tem absorvido expressivo aumento de atendimento. Em uma das etapas do passado recente de crescimento, a empresa assumiu carteira de quase 1,5 mil pacientes com tratamento em andamento, sem nenhum impacto assistencial. O acolhimento e a aceitação por partes das pacientes foram bem sucedidos e provou o amadurecimento da empresa para novos ciclos de expansão.

Em 2020, em meio à pandemia da Covid-19, a Hemomed chegou à Baixada Santista, com unidade em Santos, e em 2021 inaugurou atendimento em Mogi das Cruzes, levando sua expertise oncológica a outra importante cidade da região metropolitana de São Paulo. O crescimento da rede também impacta na geração de vagas de emprego em todas as áreas do negócio.

Milene Santucci, diretora Executiva

"Nosso maior desafio nos últimos sete anos, desde aquela reunião de 2014, foi ampliar a visão do mercado de que é possível operar na área oncológica combinando o objetivo assistencial com gestão de resultado para toda a cadeia do ecossistema da saúde. Enfrentamos os desafios, viramos modelo a ser seguido e continuamos a honrar nossa missão de acolher e assistir os pacientes em todas as fases. Isso tem sido possível porque também consideramos a eficiência do conhecimento médico especializado", Julia.

"Temos avançado em desfechos clínicos exitosos que seguem protocolos discutidos de forma ampla, com a interação interdisciplinar. O entrosamento do corpo clínico com a área administrativa foi essencial para o sucesso do nosso modelo de gestão", Milene.

HISTÓRIA DE AMOR

Quando cuidar do próximo vira sentido de vida

Pelos corredores da Hemomed circulam, diariamente, pessoas que esperam por um olhar, um toque, uma fala que traduza o quanto elas importam para cada um dos colaboradores. Por isso, fazer parte da equipe Hemomed significa vivenciar cotidianamente a nobre tarefa de cuidar de gente. Para conhecer o senso colaborativo dos 175 funcionários, nada melhor do que o relato e a paixão de quem trabalha na linha de frente.

Elisa, Acolhedora

E quem não gostaria de saber um pouco mais sobre a vida de quem estampa um dos sorrisos mais acolhedores da Hemomed? Seu nome é Elisa Maria dos Santos, tem 65 anos, é mãe de Gabriel, de 27. Essa pernambucana de Cajueiro Seco chegou a São Paulo aos 19 anos, acompanhada de uma amiga e seus dois filhos,

para seguir o sonho de milhares de migrantes nordestinos: buscar melhores oportunidades.

Tia Elisa, como é carinhosamente chamada pelos colegas, logo prosperou. Saiu da condição de empregada doméstica, ofício que desempenhava desde os 11 anos, para ser operária na fábrica de uma famosa marca de bicicletas. Também em São Paulo, conquistou a casa própria, onde mora com o filho.

As histórias dela e da Hemomed se cruzaram há dez anos, e rendem lindas memórias. Tia Elisa ingressou na empresa como auxiliar de limpeza e assim permaneceu por sete anos. Entre uma varridinha e outra, abria seu sorriso aos pacientes e, cheia de espontaneidade, perguntava se precisavam de alguma ajuda. Enquanto fazia a limpeza da Hemomed com muito capricho, Tia Elisa alimentava o sonho de ser voluntária.

Tocada pelo Anjo

Há cerca de três anos, um dia antes de sair de férias, foi informada que o serviço de limpeza seria terceirizado. Logo após o susto pela possibilidade de ficar desempregada, veio o convite para assumir a copa, o que para tia Elisa foi um "milagre".

Certo dia, ajudando a arrumar os brinquedos da área de espera infantil, sentiu uma mão tocar seu ombro. Era o presidente da empresa, Dr. Adelson Alves, comunicando que a partir daquela data ele a queria recebendo os pacientes. Orientou também que preparassem uma roupa bonita para o novo trabalho.

"Sinto um amor muito grande quando estou acolhendo aos pacientes. E me realizo quando consigo ganhar um sorriso deles, que, mesmo numa luta tão grande, continuam a persistir", tia Elisa.

"Deus sempre manda anjos para minha vida. Quando o Dr. Adelson tocou meu ombro e anunciou minha nova função dentro da empresa, foi um dia muito feliz na minha vida em que me senti realizada por saber que poderia levar amor aos pacientes"
tia Elisa.

Empenho e gratidão

A relação próxima que colaboradores e gestores mantêm entre si, tornam a Hemomed uma empresa muito presente na vida de toda a equipe. As relações pessoais muito afetuosas, no entanto, não interferem nos objetivos e compromissos profissionais de cada um.

Por isso, não raras vezes é possível ouvir agradecimentos emocionados de quem consegue avançar na carreira, graças às oportunidades encontradas dentro da empresa. Gratidão é uma das primeiras expressões da enfermeira Tatiane Cristina Barbosa Lima de Moraes, de 34 anos, mãe de Eduarda.

Ela está há 14 anos na Hemomed e em 2020, em plena pandemia, foi alçada a um dos maiores desafios na empresa: assumiu o cargo de responsável técnica da primeira unidade da rede na Baixada Santista, precisamente na cidade de Santos. Tatiane mudou com a família para a Praia Grande para corresponder à confiança que a Hemomed lhe conferiu.

Mas essa história começou com muita humildade e avançou pela prova de competência. Tatiane iniciou na Hemomed como recepcionista da unidade de Santo André. Após um ano, assumiu como técnica de enfermagem. Em 2017, concluiu a graduação em Enfermagem e, em 2019, pós-graduação em Oncologia.

Apesar de se emocionar com a despedida de alguns pacientes que não sobrevivem ao tratamento, Tatiane também tem boas recordações como a de uma paciente que chegou para o tratamento aos nove anos. Ela lembra que a menina era muito estressada e seus

pais revoltados por sua condição de saúde. Hoje, a paciente é uma moça saudável e por muito tempo a enfermagem era visitada por toda família, tamanho o elo afetivo que foi desenvolvido.

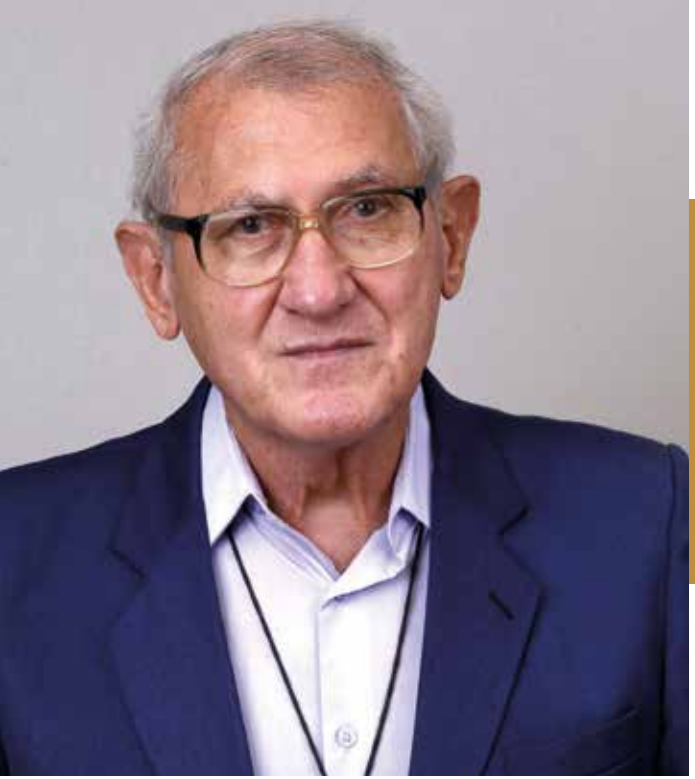
As experiências profissionais norteiam o amadurecimento pessoal de Tatiane, que hoje tem olhar sublimado para os problemas cotidianos. Ela sabe que existem problemas muito maiores do que trânsito parado, dores de amor ou mesmo sonhos materiais não alcançados. Sem essa temperança, Tatiane não poderia ser exemplo de líder para a equipe de quatro enfermeiras e uma técnica.

É de Elisas e Tatianes que a Hemomed se fortalece para seguir capacitando as pessoas que escolhe para seu time de talentos humanizados.

Tatiane,
Enfermeira

"Sempre gostei de servir e na enfermagem encontrei essa possibilidade. Especialmente a oncologia necessita de profissionais que tenham esse dom, pois, após o diagnóstico dado pelo médico, é com a enfermagem que os pacientes tiram muitas dúvidas e tentam diminuir a ansiedade", Tatiane.

Histórias de vida



Pelos caminhos da fé, um novo amor

Alcides Girão é o sétimo de 13 filhos do casal Elídia Matiazzo Girão e José Girão, sitiante na cidade de Braúna, no oeste paulista. Aos 12 anos, Alcides mudou com a família para Birigui, também no interior de São Paulo, e, aos 14, conheceu a cidade grande, onde se instalou na Vila Maria Alta, zona norte da capital.

Alcides manteve as boas memórias de uma infância feliz, vivida na roça, onde ajudava a família na lida com o gado leiteiro. Claro que, vez ou outra, subia nas árvores e corria solto montado em cavalos.

Ao contrário da maioria dos migrantes que chegam à cidade de São Paulo em busca de trabalho, Alcides foi privilegiado pelo apoio da família. Com os demais irmãos, mudou-se para a capital para estudar.

Tempos depois, o pai vendeu a propriedade rural e tratou de contemplar cada filho com um imóvel, a fim de dar aquela força inicial para os jovens que começavam a construir a própria história.

Moço próspero, formado na faculdade de Ciências Contábeis, em 1964, aos 25 anos, Alci-

des casou-se. Da união nasceram os filhos Lídia e Alcides. A vida seguiu com desafios comuns aos da maioria das famílias da classe média paulistana. Em fevereiro de 2000, ficou viúvo. Mas Alcides nem desconfiava que o caminho para uma nova união já estava pavimentado pela fé.

De personalidade discreta, descreve-se como um observador. Por muitos anos, nutriu amizade apenas com os irmãos. Fora da família, seus contatos eram protocolares.

Porém, ainda no primeiro casamento, começou a participar, "meio arisco", de encontros de casais na igreja católica que frequentava. Prática que acabou levando Alcides a uma maior socialização.

Retiro para o amor

Atividade comum em algumas igrejas, o chamado Retiro Espiritual reúne fiéis em torno do aprofundamento dos estudos religiosos e, normalmente, acontecem em destinos onde haja ambientação facilitadora para o encontro. Após a viuvez, Alcides seguiu com a prática religiosa. Em dado momento, foi convidado para um desses eventos. Lá, estreitou contato com Luzia, uma devota fervorosa e que ele observava com discrição

"Me senti meio perdido quando cheguei a São Paulo. Então, primeiro fui trabalhar com um irmão em uma funilaria e só quando me formei na faculdade comecei a trabalhar no primeiro escritório, no Brás".

Reflexão

"Não tenho medo da morte. Sou muito tranquilo quanto a isso e entendo ser apenas uma transferência para a vida eterna. Aceitei a doença, fui disciplinado com o tratamento e mantive minha fé. Acima de tudo, temos de ter a fé da ressureição e a fé que Deus está sempre do nosso lado, mesmo nos momentos mais difíceis".

Com Luzia, além de uma esposa princesa, ganhei mais duas filhas maravilhosas e três netas que se juntaram ao meu casal de filhos, meus dois netos, dois bisnetos e minha bisneta. Juntos, formamos uma grande família com muito respeito e união".

em suas idas à igreja.

Luzia, ao contrário de Alcides, socializa-se facilmente e faz amizade no primeiro cumprimento. É ela que agita os cantos de louvor a Deus e vibra na positividade em qualquer circunstância. Foi assim, contagiado por essa energia pra lá de vigorosa, que Alcides conheceu seu novo amor, em maio de 2001.

Ao lado de Luzia, Alcides faz o que mais gosta: viajar. Além de terem visitado juntos alguns estados brasileiros, eles já desfrutaram do turismo religioso indo à Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, na França; ao Vaticano e a Jerusalém, onde vivenciaram o roteiro da fé cristã.

A cidade de Fátima, em Portugal, e a Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, já estão na programação das próximas viagens internacionais, logo que Alcides tiver liberação médica para enfrentar percursos mais longos.

Em 2017, em uma de suas visitas de rotina à geriatra, Alcides se queixou de dores generalizadas pelo corpo, o que alertou a atenção da médica. Os exames detectaram mieloma múltiplo.

Sob os cuidados dos médicos onco-hematologistas Renato Centrone e Heloísa Barbieri, Alcides registra ce rca de 80% de resposta positiva ao tratamento e segue com medicação para combater uma anemia. O paciente, que completará 81 anos em dezembro, sente-se muito seguro com o atendimento de seus médicos para enfrentar a doença.

O que diz o médico

*"O senhor Alcides é daqueles pacientes que se esqueceram de envelhecer. Fisicamente e espiritualmente. Com a Cruz que carrega no pescoço, chegou um pouco desconfiado já que não era seu primeiro médico, mas de coração aberto para um novo tratamento. Hoje ele está tão bem que parece ainda mais jovem. Não vou revelar a idade dele, pois não seria delicado e deixaria todos vocês com inveja", **Dr. Renato Centrone.***

Pelas montanhas de Minas, um sorriso que não descansa

Na pequena Elói Mendes, cidade do sudoeste mineiro, na região de Varginha, mora uma menina falante, que atende por Ana Elisa Pereira dos Santos. Ela tem o frescor típico dos 18 anos de vida. Ana Elisa nasceu em São Paulo, mas foi viver em Minas Gerais com a mãe e o padrasto. O pai permaneceu na capital paulista.

Ela conta que, por ser filha única e ter apenas dois primos por parte de mãe, recebeu a missão de ser uma espécie de princesa da família. Porém, desde criança gosta mesmo é da bagunça, como fuçar na panela da avó e jogar bola ou improvisar uma casa no quintal com os primos.

A alegria de Ana Elisa transborda por seu sorriso que nunca descansa. Mantém o viço no rosto até mesmo contando os detalhes de sua batalha para vencer a Leucemia Mieloide Aguda (LMA), diagnosticada em março de 2021.

Em janeiro, quando passava férias em São Paulo, sentiu uma forte dor de garganta e uma afta surgiu em sua boca. Em fevereiro, quando voltou

a Elói Mendes, manchas vermelhas começaram a aparecer pelo seu corpo, o que, em princípio, foram associadas a algum tipo de alergia.

Uma visita ao médico e a realização de alguns exames trouxe o esclarecimento do caso. A pesquisa foi aprofundada com a vinda de Ana Elisa a São Paulo para fazer mielograma. Ela coletou material para análise pela manhã e à noite já estava internada para iniciar o tratamento.

Depois do susto e de chorar muito pela notícia da doença, Ana Elisa considerou que a tristeza não seria útil para sua recuperação. Então, passou a procurar formas de se divertir. Mas as batalhas que tinham a quimioterapia como grande arma contra o câncer fizeram-na desmaiar, ao menos, quatro vezes no hospital. Quando a recuperação permitiu sua alta, a mãe, companhia constante, teve sintomas de gripe e foi diagnosticada com a Covid-19. Por consequência, Ana Elisa também.

Mesmo com a imunidade baixa por conta do tratamento, a jovem teve a forma leve da doença, precisando apenas receber sangue para aumentar a capacidade de reação de seu organismo. As sessões de quimioterapia encerraram-se em julho e Ana

"No grupo da família no WhatsApp, pedi para que não chorassem, pois isso só iria piorar minha condição para enfrentar a doença. O melhor apoio era eles me distraírem com outros assuntos. Eu estava ali, viva e não queria ser lembrada só pela doença".

Reflexão

"Abala muito saber da doença, mas não devemos desistir. Nem todo mundo é forte o tempo todo, mas é importante não mudar a vida apenas por um problema. É preciso entender que ainda estamos vivos, ainda estamos aqui. Eu desmaiava e voltava fazendo piada. Eu e minha mãe mudamos muito nossas vidas, mas não deixamos de viver. É preciso manter a positividade a maior parte do tempo e brincar com a situação, sem ser irresponsável".

“Sempre fui muito elétrica. Na primeira série do Ensino Fundamental, a professora subiu na mesa para fazer eu ficar quieta. Mas todo mundo diz que sou muito alegre”.

Elisa ficou livre da indicação de transplante, uma vez que a doença foi detectada em estágio inicial.

Terapia do hobby

Para se distrair e fazer a alegria da família, a culinária foi adotada como hobby. Sua especialidade são os salgados e prefere não seguir receitas, pois afirma que do seu jeito o resultado fica sempre melhor. Pouco antes do diagnóstico, Ana Elisa foi aprovada no vestibular para a faculdade de Cosmetologia Estética, à qual retomou em agosto.

Mas a boa recuperação de sua saúde tem um outro aliado que atende pelo nome de Kenedy. Após cinco anos de tentativas, finalmente, Ana Elisa e Kenedy estão namorando. Ele mora em Porto Feliz, interior de São Paulo, um pouco distante dela, mas não o suficiente para deixar de apoiá-la e manter a vigilância sobre sua saúde.

Ana Elisa continua tendo muito a dizer, mas principalmente a fazer. Ela aguarda o fim da pandemia para realizar sonhos singelos, como ir à praia e, finalmente, iniciar as experiências da juventude. E já espera liberação médica para ir direto ao McDonald's.

O que diz o médico

*"Lembro do dia que conheci a Ana e sua família no hospital. Tive a desafiadora missão de falar sobre o diagnóstico de leucemia. Eles já haviam enfrentado um trauma familiar no passado, tornando esse momento ainda mais difícil. Mas, mesmo com todos os medos, inseguranças e desafios que estavam por vir, a Ana sempre esteve extremamente positiva, de bem com a vida e com um contagiante sorriso no rosto. Aprendi com ela que uma maneira mais leve de encarrar a vida é capaz de cativar todos ao redor. Agora, seguimos de consultas e o plano terapêutico. Agradeço a essa cativante menina pela convivência e aprendizado", **Dr. Guilherme Chaim.***

Lutas, Mudanças e Amor (LMA)

Quando criança, André Krasovic, hoje com 43 anos, aprendeu que, através da imaginação, podia sublimar a realidade nem sempre compatível com as expectativas. Filho único, nasceu com uma deficiência nos pés que nunca foi capaz de limitar sua capacidade de ir e vir. Porém, o deixava fora de brincadeiras coletivas, típicas da infância, a exemplo de correr, jogar futebol e outras peripécias para as quais o pleno funcionamento das condições motoras faz toda diferença. Era através da imaginação sem limites que André driblava o peso da exclusão na infância. Sonhar com situações meramente fictícias, porém agradáveis, permitia-lhe sentir bem-estar quase real.

A condição física também obrigou André a conviver mais com adultos do que com crianças e isso, segundo ele, acelerou seu amadurecimento. Quando não estava praticando atividades de lazer como pedalar e nadar, lá estava ele na companhia da mãe, tios e avós. Uma tia próxima, apenas cinco anos mais velha, ele via como

irmã. Mas, foi a mãe que transformou-se em sua melhor amiga, já que a presença paterna foi interrompida com a separação dos pais, quando ele tinha apenas seis anos.

Para ajudar no sustento da família, André começou a trabalhar aos 17 anos. Aos 19, formou-se técnico em turismo, carreira à qual se dedica até hoje. No ano seguinte, seus pais voltaram a viver juntos, o que poderia significar algum alívio para sua rotina de responsabilidades. Mas não.

Novos desafios se avizinhavam do jovem precoce. Casou-se aos 23 anos, e logo conheceu a diferença entre responsabilidade e necessidade. Para ele, sair de casa para começar uma vida conjugal foi um divisor de águas, pois junto com o casamento também veio a experiência da paternidade, elevando a patamares bem mais altos suas obrigações diante da vida. Entre namoro e casamento, ele e a mãe de do filho Pedro viveram juntos por nove anos, até 2007.

Segunda chance

No final de 2008, conheceu Renata, com quem logo iniciou um namoro. Mas, como o próprio André diz, "felicidade não é ausência

"Sempre me achei fora do padrão por não poder ter a mesma vida social que as outras crianças. Mas isso me tornou uma pessoa resiliente diante dos desafios da vida e me deu a certeza de que felicidade não é a ausência de problemas".

Reflexão

"Acho que a leucemia fez muito bem para a minha comunhão com Deus e pelo quanto melhorei como pessoa. Ainda me sinto ingrato com Deus por não estar levando para mais pessoas a minha experiência de fé e resiliência. Quero voltar a escrever o blog para mostrar a mais leitores que qualquer pessoa pode fazer o que eu fiz, com fé e dedicação. Tudo depende ao que cada um é capaz de se submeter para atingir o que deseja".

"Na infância, optava por brincadeiras individuais como bike e natação. No começo da adolescência, conheci Leonardo, um grande amigo até hoje, que me inseriu em atividades coletivas"

de problema". Em 2011, recém-contratado em seu emprego e a 20 dias da data marcada para o casamento com Renata, o rapaz recebeu o diagnóstico de Leucemia Mieloide Aguda (LMA). A notícia de que estava com leucemia, na verdade, foi recebida um dia após ser incluído como beneficiário do plano de saúde do novo emprego. O que poderia ser um alívio, também gerou preocupação por saber que não poderia se dedicar com afinco ao novo trabalho.

O prognóstico era bastante reservado, pois não houve resposta à primeira linha de quimioterapia. Seu estado clínico ficou rapidamente tão grave que André precisava de uma hora para caminhar um percurso que, em condições normais, faria em apenas 15 minutos. Faltava-lhe força física.

Naquele momento, diante de futuro tão incerto, ele sugeriu que a noiva seguisse a vida sem ele. Renata se recusou. Com os noivos decididos a permanecerem juntos em qualquer circunstância, o jeito foi casar. André e Renata ganharam o apoio dos gestores do hospital e a cerimônia foi realizada no dia 13 de dezembro de 2011, com menos de um mês de atraso da data original, num espaço Vip com ventilação natural, apropriada para a condição de baixa imunidade na qual André se encontrava.

As atitudes de atenção, empatia e cordialidade por parte da equipe de enfermagem foram tantas que incluíram decoração especial e até a música que o casal havia escolhido para a entrada da noiva, que chegou conduzida pelo pai. Em cadeira de rodas, André estava feliz pelo

“Nunca fiquei prostrado na cama, nunca precisei que me dessem banho. Me mantive consciente o tempo todo do tratamento e nas internações. Fazia minha barba. Acredito que isso me manteve ativo para colaborar com a evolução do tratamento”.

momento único que selava o amor do casal. Não faltou pastor nem juiz de paz para formalizar a união dos corações apaixonados.

Contrariando estatísticas

E quando parecia não haver mais saída para vencer a leucemia, o Dr. Renato Centrone, hematologista que cuidou de André desde o início, fez a proposta de realizar o transplante autólogo, método pelo qual se utilizam células-tronco do próprio paciente como consolidação do tratamento bem sucedido de quimioterapia. O procedimento foi realizado com sucesso em julho de 2012. Desde então, André entrou em remissão da doença, contrariando as melhores projeções de sobrevida após o tratamento.

"Minha mãe sempre foi minha melhor amiga e me ensinou muito sobre resiliência, algo que é percebido por quem convive comigo. Para enfrentar a leucemia, esse aprendizado foi fundamental para me fortalecer"

A terapia de sobrevivência que tanto lhe ajudou a vencer as dificuldades da infância, voltou a lhe servir de fundamen tal apoio. André usava o pensamento para projetar apenas coisas boas, mesmo que, às vezes, fossem ideias totalmente desconexas da realidade. Mas, era o roteiro repleto de fantasias que o ajudava a suavizar a dura realidade da doença.

O vigor mental, a fé e a corrente de apoio de amigos e familiares davam a André a certeza de que a luta, embora árdua, poderia ser vencida. Prova disso é que após a primeira sessão de quimioterapia, ele já apresentou significativa melhora. No entanto, ainda havia muita batalha pela frente. A primeira internação durou dois longos meses.

A resiliência de André também foi acompanhada pelos seguidores do blog Lutas, Mu-

danças e Amor – sua forma de ressignificar a sigla da doença LMA -, (andrekrasoviclma.blogspot.com), no qual regularmente ele passou a compartilhar suas experiências de luta contra a leucemia. A ideia era mostrar que era preciso lutar com otimismo e que essa devia ser a escolha de todo paciente que tivesse o desejo de sair vencedor. O gesto de André também revela seu altruísmo mesmo diante da fragilidade na qual se encontrava, pois entendia que repartir a experiência através de relatos pessoais era uma forma de ajudar quem também atravessava o mesmo desafio. Ele também conta que aprendeu muito com as histórias de outros pacientes.

"Criar um blog para relatar cada fase do meu tratamento me ajudou a enfrentar os desafios. Mas, escrever é algo que quero voltar a fazer para continuar a dividir minha experiência e motivar outras pessoas"

O que diz o médico

Um homem jovem, cheio de sonhos junto à sua namorada, teve sua vida interpelada pelo diagnóstico de uma Leucemia Mieloide Aguda. Ciente de todos os riscos relacionados à doença e seu prognóstico, André não hesitou. Casou-se no hospital e mandou um recado ao destino de que os laços de amor e a vontade de viver seriam indestrutíveis. Hoje, ele está curado e continua casado. E para nós, deu de presente uma lição inesquecível de esperança. ***Renato Centrone.***

Vencendo a si mesma, ela venceu o câncer

A história de Andreia Alves de Santana precisa ser iniciada com um alerta: ela não gosta de ser chamada de guerreira, pois não quer ter a sensação de que vive em guerra. Prefere ser notada como uma vencedora por tudo que passou, está passando e ainda passará. É assim que Andreia se posiciona diante da vida.

Essa santista de 44 anos, moradora de Osasco, região metropolitana de São Paulo, não esconde nem mesmo os detalhes de batalhas que enfrentou desde muito cedo e que contribuíram para forjar uma mulher, indiscutivelmente, forte e sempre pronta para transpor obstáculos, sejam emocionais, materiais ou na saúde.

A violência doméstica de toda ordem fez parte da vida da menina Andreia e, em grande parte, motivada pelo comportamento intempestivo da mãe. Andreia saiu de Santos, no litoral paulista, aos seis anos. A infância conturbada ela procurava amenizar com muita bagunça e brincadeiras que classifica como "de meninos". E, aos 14 anos, já tinha a responsabilidade do trabalho remunerado.

Um amor para toda a vida

Aos 12 anos, Andreia apaixonou-se por Deusdete, vizinho 13 anos mais velho. O relacionamento ainda não era possível. Então, dos 16 aos 19 anos, namorou outro rapaz. Perto de completar 20 anos, reencontrou Deusdete e, pouco tempo depois, casaram-se. A união foi marcada pela alegria trazida pelo nascimento dos filhos Vitor e Vinícius, mas também por brigas sucessivas. Foram dois divórcios ao longo de 23 anos.

O primeiro casamento com Deusdete durou 12 anos. Após seis anos separados, reataram e estiveram casados por mais quatro anos, até um novo divórcio. Era novembro de 2018, e Andreia foi diagnosticada com um nódulo na mama.

"Em algum momento, comecei a agir como minha mãe. A educar através do grito e meu filho mais velho me alertou disso".

Reflexão

"Aprendi a cuidar de mim primeiro e me aceitar, porque sempre busquei validação nas outras pessoas. Também procuro filtrar o que acontece à minha volta para não me magoar e nem ativar sentimentos negativos. O ideal é enfrentar os desafios sorrindo. Isso torna tudo mais leve e possível. Tive revolta sim, mas sinto que Deus me entende e me acolhe".

Revolta, dor e sabedoria

A notícia de que estava com câncer despertou a revolta em Andreia. Ela finalmente estava cursando a faculdade de Enfermagem, sentia-se livre após o segundo divórcio e, de repente, uma doença que exigiria muita disposição. Dores e inchaço fora do normal nas mamas já tinham acendido o alerta. Mas ouvir a apresentadora de TV Ana Furtado dizer que estava com câncer de mama despertou em Andreia a intuição de que também tinha a doença.

O desespero foi tanto que Andreia chegou a desmaiar. Quando recobrou a consciência, decidiu que ia enfrentar a doença de forma positiva.

“Aprendi a enxergar a força que as pessoas afirmam ver em mim. Também venci o preconceito racial cultivado dentro da minha própria família e hoje me sinto uma negra linda. Até meu nariz largo eu curto e a alegria passou a ser minha força”.

Andreia foi buscar ajuda na psicoterapia para ajustar emoções às quais as intempéries da vida tinham dado formas incompatíveis com o trato interpessoal saudável. Ela investiu no autoconhecimento e na cura das cicatrizes da alma, entendeu seu papel e o das pessoas com que convive. Soube conduzir a solução para a relação abusiva que vivia com o marido, que hoje também reconhece os próprios erros. Andreia e Deusdete estão juntos novamente e ela afirma que, desta vez, não cabe mais separação. Ele é amor de sua vida. Essa e outras conquistas têm colaborado para que ela siga como vencedora pela vida e não mais como uma guerreira em luta permanente.

Andreia aproveitou também para rever outras atitudes que ela não queria mais carregar consigo. E até a compreensão do comportamento agressivo da mãe foi possível. Mesmo mãe e filha tendo trabalhado na área da saúde, só recentemente dona Ivone foi diagnosticada com um tipo de demência que justifica suas atitudes agressivas ao longo da vida, tanto com Andreia como com os companheiros que teve. As duas conseguiram conquistar um relacionamento mais saudável e de ajuda mútua, já que dona Ivone sofreu dois Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs), anos antes do diagnóstico de Andreia.

O tratamento do câncer foi bem sucedido e nem a prevista queda de cabelos aconteceu. Após a cirurgia, Andreia segue com tratamento hormonal e acompanhamento oncológico rumo à remissão. Alguém tem dúvida de que Andreia é uma vencedora?

O que diz a médica

*"O diagnóstico de câncer envolve várias fases enfrentadas pelo paciente, como notícias indesejáveis, conflitos, alterações relacionadas à vida diária. E sempre aprendemos junto com pacientes como a Andréia, através da sua jornada de adaptação e superação", **Dra Daiane Pereira Guimarães.***

Fé, família e gratidão

Arthur Leandro Rodrigues é um legítimo paulistano da gema. Nasceu no bairro do Bom Retiro, região central da capital paulista. Mas não é só a geografia que faz dele um fiel representante de sua terra. Arthur é superativo, gosta de se envolver em muitas atividades ao mesmo tempo e vive de forma intensa. Aos 37 anos, é casado com Karla e pai de três meninos e uma menina. Uma família foi construída em meio a muitos desafios que ele enfrentou com a saúde.

Arthur destaca ter sido uma criança comilona, tímida e educada. Mas na escola ele se revelava o terror de professores e da diretoria. As travessuras incluíam desde brincadeiras em exagero até brigas e pichações.

Ele reconhece que, na adolescência, as preocupações de sua mãe aumentaram muito. Conta que adotou comportamento rebelde e atitudes negativas que prefere não lembrar. A ausência da figura paterna e a condição de filho mais novo, com duas irmãs, pode ter influenciado sua necessidade de atrair o máximo de atenção.

Foi a partir dos 21 anos que Arthur sentiu como uma "virada de chave" e um despertar para uma consciência de vida mais responsável. A convite de um amigo do tempo de balada, conheceu a igreja com a qual se identificou e segue fiel até hoje.

Tempo de redenção

Na igreja, Arthur conheceu não apenas o caminho da fé, mas também um grande amor. Karla, sua esposa, era o encontro perfeito para quem desejava companheira para a vida e que comungasse da mesma crença.

Arthur, finalmente, vivia uma grande fase na vida. Amor, trabalho, fé, academia, praia, surfe, enfim, não faltavam motivos para o jovem de 25 anos aproveitar a vida.

O teste maior de superação, no entanto, o destino mostraria pouco tempo depois.

Os primeiros sinais de algo estranho com a saúde começaram a aparecer em forma de dor nas costas e pneumonia e, em 2009, o diagnóstico de Leucemia Linfoide Aguda T (LLA-T), pouco depois do nascimento prematuro do primeiro filho, Davi.

A internação de Arthur ocorreu no mesmo local e na mesma época que Davi precisou ser hospitalizado por conta de suspeita de gripe suína. Naquele momento, a sobrecarga de infortúnios estremeceu sua fé. Ele chegou até mesmo a ficar indignado com o Criador e clamou por vida para suportar as provações. A resposta veio: Karla estava grávida do segundo filho, Miguel.

A luta, mais do que nunca, precisava seguir com muita perseverança. No aniversário de um ano de Davi, a comemoração foi no hospital por

Reflexão

"Hoje, eu diria ao Arthur: parabéns, você perseverou. Mudei meus valores. Um pãozinho na chapa e até um banho quente ganharam grande importância e significado. Entendi que teria de ter objetivos e metas na vida. Sou até teimoso agora para concluir tudo que precisa ser feito. Aprendi que tudo é possível, se formos perseverantes. Viver é um eterno caminhar sobre as águas. Sou muito realizado só por estar vivo e meu maior presente é minha família".

"Quando recebi o diagnóstico não acreditei, pois eu era um jovem esportista e pensava que aquilo era doença de gente rica ou de pessoas idosas, tamanha era minha ignorância. Depois, pensei no apartamento que tinha para deixar para a mãe do meu filho. Por fim, lembrei que meu sonho era mesmo curtir tudo em família".

conta do tratamento de Arthur. Já o nascimento de Miguel, ele conseguiu acompanhar no intervalo entre a série de internações.

Na ocasião da biópsia da medula, Arthur recorda com graça que entortou a agulha. Foi quando conheceu o Dr. Renato Centrone, que deu início ao seu protocolo de tratamento.

As reações medicamentosas eram tão fortes que pensou em desistir. Nesse momento, recebeu a visita do Dr. Rodrigo Santucci, que, em longa conversa, deu novo ânimo ao paciente.

Ele lembra que esteve deprimido várias vezes, mas o apego com a fé o fortalecia. Além do mais, Arthur assumiu um compromisso com Deus: dessa vez ele iria até o final com o tratamento, pois em sua história de vida, até o momento, ele nunca havia concluído nada que começava. Era assim com trabalhos escolares, cursos e qualquer tarefa que demandasse responsabilidade. Arthur precisava perseverar como jamais havia feito.

O tratamento durou dois anos entre sessões de quimio e radioterapia, além de internações tanto para tratamento quanto para recuperar a imunidade. A última alta hospitalar foi em 8 de setembro de 2011, em seu aniversário de 28 anos. No dia 11, oficializou sua união com Karla, na presença dos filhos Davi e Miguel. Nos anos seguintes, a família aumentou com a chegada de Isaac, hoje com nove anos, e de Manuella, a pequena de quatro anos.

O que diz o médico

*"Um jovem paciente com diagnóstico de uma doença gravíssima. Uma esposa jovem grávida. O desafio emocional de tentar curá-lo, frente a tantos desafios e possibilidades em alguém ainda tão novo. Seu bom humor e a sua fé nos ajudaram, com certeza, a vencer o que parecia invencível. Me deu a honra de ser seu padrinho de casamento e vê-lo, agora, cercado de seus filhos e da sua fiel esposa, me motiva a lutar sempre", **Dr. Renato Centrone.***

Da menina serelepe à mulher empoderada

Às vésperas de completar 70 anos, Carmem Aparecida Dias é uma menina encantadora. Tipo de pessoa que emenda uma história a outra, porque sabe aproveitar a vida com intensidade e, desde cedo, construiu com as próprias mãos o destino de luta com uma respeitável coleção de vitórias.

A infância como a caçula de dez filhos foi aproveitada, parte, em meio a plantações de café, na cidade de Guatapará, região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, e outra na Usina de Açúcar São Martinho, nos mesmos arredores, acompanhando os pais que eram colonos. Por isso, frequentou escola de fazenda.

Aos 18 anos, a menina serelepe saiu do interior para morar em Santo André, no Grande ABC, região que estava em franco desenvolvimento econômico. Carmem chegou em busca de trabalho na companhia de uma irmã mais velha. A primeira oportunidade foi um emprego como empregada doméstica, onde ela não só ganhou a simpatia dos patrões como também o

custeio para finalizar os estudos do ensino médio – colégio, naquela época – e tirar a carteira de motorista.

Pois a menina esperta que virou uma mulher falante seguiu firme na busca de suas conquistas. Em novo emprego foi trabalhar na equipe de limpeza da Prefeitura de Santo André, onde logo usou de sua capacidade observadora e comunicativa para dar novos saltos: fazer faculdade de biblioteconomia e se tornar funcionária da biblioteca municipal.

A carreira mais sólida e com melhor remuneração permitiu que Carmem fosse mãe solo. Engravidou aos 24 anos e deu à luz Franciana, sua única filha. Seguiu firme com as responsabilidades de mãe e profissional. Orgulha-se, com razão, que com seu jeito espontâneo alcançou condições que a permitiram formar a filha em escola particular de bom nível.

A herdeira seguiu seus caminhos e cursou biblioteconomia também, além de pedagogia, profissão que exerce atualmente. Por volta dos 40 anos, Carmem conheceu um companheiro com quem viveu por 17 anos, mas depois resolveu voltar-se a si e viver apenas com a filha.

"Quando criança, eu era falante como aquela menina Maísa, que ficou famosa no programa Silvio Santos. Eu era esperta, menina sabida mesmo. Até hoje, meu maior defeito é conversar demais".

Reflexão

"Temos que lutar, mas é preciso ter disciplina e objetivos. Continuo com meus afazeres domésticos e peço a Deus para não me deixar acamada. A saúde ou a doença são consequências da vida da gente. Sempre lutei muito e aprendi que não podemos nos entregar diante dos desafios. É preciso se amar e não ter vitimismo. Devemos colocar Deus em primeiro lugar e depois os médicos e suas equipes para nos ajudar a vencer".

“Adoro minha companhia, passear sozinha, ser independente e conhecer pessoas. Mas também sou muito caseira. Quando mais nova ainda frequentava bailes, mas, hoje em dia, gosto mesmo é de ficar em casa”.

Quando o corpo sussurra

Era 1992 e Carmem já havia chegado aos 40 anos quando dores no estômago a levaram ao diagnóstico da presença da bactéria helicobacter pylori, popularmente conhecida como H.pylori, e uma esofagite que lhe causava refluxo. Como o tratamento da ocasião aliviou os sintomas, ela seguiu a vida sem preocupação.

Quase 30 anos depois, em 2018, as dores voltaram e uma endoscopia, dessa vez revelou um tumor. Com opiniões médicas divergentes inicialmente, entre a realização de cirurgia ou o tratamento com quimioterapia, ela optou por começar as sessões de quimio em maio de 2019. As discussões em torno do melhor protocolo deram-se porque novos exames detectaram metástase.

Apesar de ter a presença constante da filha, Carmem procura manter-se independente. Considera que, mesmo diante do tratamento contra o câncer, precisa se manter firme e não permite se entregar.

Avalia que não é possível ter alguém 100% do tempo à sua disposição e admite que falar sobre a doença é uma espécie de terapia de alívio. Para ela, o contato social é um momento de fortalecimento e oportunidade de desabafo, mas sem nunca se lastimar. Carmem gosta de viajar e espera receber alta para programar novos destinos turísticos, especialmente os praianos.

O que diz a médica

*"A oncologia não é feita apenas de histórias tristes como a maioria das pessoas imagina. No meio de tantos momentos difíceis, podemos nos divertir e aprender muito com nossos pacientes. E dona Carmem é aquele perfil de paciente que a gente nunca esquece. Sempre muito alegre, falante e ansiosa, escuto quando ela chega de dentro do consultório. Em toda consulta preciso pedir para que ela respire e fale devagar. Me divirto com as suas histórias. Tenho muito carinho por ela, além de um respeito enorme por toda sua trajetória e pela nossa parceria até aqui", **Dra. Vanessa de Oliveira Casagrande.***

Lições de vida de uma boa aluna

Filha de professores do ensino público, Cristina Oliveira da Silva Cardoso, aos 60 anos, carrega ainda no semblante a imagem da menina disciplinada, apesar de nunca ter sido aluna escolar do pai ou da mãe. Mas, certamente, aprendeu com eles muito do bem que carrega consigo.

Cristina nasceu em Botucatu, no centro sul de São Paulo, mas foi criada em Santo André, onde viveu por longos anos com a família. Após o falecimento do pai, há dez anos, voltou a morar com a mãe para acompanhar suas necessidades peculiares ao avanço da idade. Hoje em dia, moram na capital paulista e trocam atenções.

Da infância, ela guarda boas lembranças de uma menina moleca, que gostava das brincadeiras de rua, sentar mais próxima do fundão da sala de aula e de ser uma boa filha.

A menina moleca casou-se cedo, aos 21 anos, e permaneceu oito anos na mesma união. Sem filhos, decidiu pela separação e focou no trabalho, sua grande paixão até hoje. Cristina

viajou mundo afora devido a atuar no comércio atacadista.

A China praticamente virou seu quintal, tantas foram as vezes que visitou o país a trabalho. Claro que ela aproveitava as longas viagens para enriquecer sua cultura e se distrair com as paisagens inusitadas, a exemplo de paraísos na Tailândia ou ainda atmosferas exóticas como Istambul, na Turquia.

"Sou espiritualista e tenho muita fé. Isso tem me ajudado muito a enfrentar a doença. A Dra. Daniela e todos os funcionários da Hemomed são muito sérios e me passam muita confiança também."

Resiliência

Cristina observa que sempre foi uma guerreira, daquelas de cair e levantar muitas vezes, especialmente no campo profissional.

Reflexão

"Ainda não cheguei a uma conclusão sobre como essa doença me transformará como ser humano. Só tenho a certeza de que nada acontece por acaso e tudo isso tem um grande propósito. O importante é eu me manter aberta para entender".

Mas foi com a saúde que ela experimentou a mais árdua das batalhas. Em dezembro de 2012, Cristina foi diagnosticada com mieloma múltiplo. Em janeiro de 2013, problemas sérios na coluna a levaram para uma cirurgia. Ao longo de 2013 foi realizado o tratamento hemato-oncológico, com sessões de quimioterapia e radioterapia. Em fevereiro de 2014, finalmente, Cristina foi submetida com sucesso ao transplante autólogo[1] , ficando com a saúde

[1]Transplante autólogo é a realizado a partir das células-tronco próprias.

“Me sinto até hoje uma pessoa bem sociável e que procura preservar as boas amizades”.

sob controle por cinco anos.

Passado o período da remissão, em 2018 a doença voltou a se manifestar e Cristina foi submetida a novo autotransplante de medula. Algumas complicações exigiram que ela fizesse sessões de radioterapia nesse novo ciclo de tratamento e dispusesse de nova carga de resiliência.

No meio da batalha contra o câncer, Cristina viu sua companheira de vida adoecer. A mãe teve derrame e passou a demandar cuidados especiais. Juntas, elas seguem trocando apoio e esperança.

Em alguns momentos, Cristina parece contemplar e buscar entender a vida e seus mistérios. Mas, firme, diz que não se revolta e nunca fez a Deus a clássica pergunta dos inconformados: por que eu? Para ela, a vida é feita de escolhas pessoais, ainda que inconscientes e, por isso, prefere enfrentar todos os desafios como missão, sem queixas.

Olhando pela lente do passado, Cristina diz que hoje, certamente, dividiria melhor o tempo destinado ao trabalho e ao lazer. Apesar de gostar muito da vida profissional, sabe que se dedicar aos cuidados pessoais, ao convívio com familiares e amigos pode ser uma excelente forma de viver com mais qualidade e saúde.

Mas o que lhe motiva mesmo é o futuro, para o qual reserva sonhos como o de morar num pequeno condomínio com amigos para fazer algo que adora: festas.

O QUE DIZ A MÉDICA

*"Em sua primeira vez no consultório não conseguia andar. Realizou seu primeiro transplante acamada. Aos poucos, com muita persistência e dedicação, recobrou sua independência. Voltou a trabalhar e aproveitar seus amigos, família e namorado. Hoje ainda segue em tratamento e teremos muito tempo juntas. Pessoa extremamente generosa, carinhosa e querida", **Dra Daniela Ferreira Dias.***

O sorriso largo traduz um coração incansável

Quando um coração de raízes portuguesas nasce no Rio de Janeiro, a chance de ser um vascaíno apaixonado é grande. Isso explica o porquê de Edna Bueno Barbosa, carioca de 57 anos, manter-se fiel torcedora do Clube de Regatas Vasco da Gama, mesmo morando em São Paulo desde os 15 anos. Em mais de 42 anos longe da terra natal, a paixão pelo Gigante da Colina – nome carinhoso dado ao time – é o que liga Edna a seu Estado natal, além de alguns poucos familiares.

Foi em São Paulo que ela construiu sua bela trajetória de vida, que, para alguns, é repleta de coincidências e, para outros, cheia de sinais do destino. O que importa mesmo é que seu sorriso não se apaga nem mesmo nas provas mais difíceis. Já na infância, após o fim da união dos pais, Edna foi separada da mãe. O pai, detetive particular, assumiu sua criação.

Somente aos 15 anos conheceu a mãe e o outro lado da família. Nesse momento, ainda morando no Rio, Edna se apaixonou especialmente pela tia materna. O pai, já muito doente, não podia dedicar-lhe a mesma atenção de antes. Por isso, ela acabou

aceitando o convite para ir morar com a tia querida, com quem ficou até os 19 anos.

Por volta dos 20 anos, com o pai já falecido, uma prima que morava em Franco da Rocha, na Grande São Paulo, e trabalhava como cozinheira do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, lhe deu a dica de um concurso para trabalhar no local. Sem acreditar muito no próprio potencial para vencer a disputa por uma vaga, Edna aceitou o desafio. Resultado: passou em primeiro lugar e ganhou bolsa integral para estudar no curso de técnica em enfermagem.

Dali em diante, obras do destino ou coincidências não pararam de acontecer em sua vida. Da janela da casa da prima onde foi morar, passou logo a observar o vaivém de um rapaz que passava de bicicleta pela rua. Rapidamente, foram da paquera ao namoro e aos 21 anos Edna estava casada. Seu único filho, Heitor, nasceu dessa união que durou sete anos.

Ao conhecer o ambiente da saúde, Edna descobriu sua vocação para cuidar de pessoas. Graduou-se, então, em enfermagem e logo passou em novos concursos. Primeiro para o Estado para trabalhar em Guarulhos (SP), e depois, na Prefeitura de São Paulo, foi novamente aprovada para atuar na unidade de queimados do Hospital Municipal do Tatuapé. Essa rotina acelerada de trabalho, no entanto, precisou ser mudada em 2014, quando veio o primeiro diagnóstico de câncer.

Edna estava próxima de completar 50 anos de vida quando, num autoexame das mamas, descobriu um caroço. Apesar do seu histórico de saúde invejável, na família havia o registro de casos de câncer, a exem-

Reflexão

"A primeira lição que o câncer me trouxe foi entender que precisamos estar vivos com intensidade. A vida é um bem muito precioso e precisamos ter qualidade em nossas ações. As dificuldades nos são postas já no ato do nascimento, quando saímos do aconchego do ventre da mãe. Mas, naquele momento, aceitamos abandonar o conforto em troca da oportunidade de aprendizado que a vida nos dá. Tem pessoas que passam a vida doente. No meu caso, vivi 50 anos sem problemas de saúde. Então, que não nos permitamos morrer antes de morrermos de verdade".

“Para contar sobre a doença ao meu filho, primeiro tratei do assunto como se fosse uma aula e só no final disse que me tornara paciente de câncer. Ele reagiu me dando força e dizendo que passaríamos juntos pelo desafio”.

plo do pai. Então, Edna procurou um mastologista e com os exames em mãos foi confirmado o diagnóstico. O médico agendou a cirurgia para após dois dias.

E por que não o amor?

A história de Edna é cheia de pitadas inusitadas. Ela, mais uma vez, abre o sorriso para contar que, enquanto passava pelas fortes emoções do diagnóstico e mais duas cirurgias (retirada de uma mama e, 15 dias depois, do útero), um novo amor batia à sua porta. Ou melhor, à tela do celular, já que veio pela internet.

Edna não se intimidou pela nova condição física, tampouco pelo tratamento que seguia contra o câncer. No segundo encontro com Vander, falou em detalhes sobre sua realidade e disse que só aceitaria namorá-lo se ele contasse sobre ela às filhas. Além do amor de Vander, Edna foi acolhida com todo carinho pelas filhas dele. O namorado se transformou no seu principal acompanhante a todos as consultas e sessões de quimioterapia. E a festa dos 50 anos aconteceu com o dreno fixado no tórax.

O amor de Edna e Vander, como o da maioria dos casais, também foi testado. No final do ano passado, os dois tiveram Covid-19 juntos. Vander acabou por desenvolver Leucemia Mieloide Crônica (LMC) como sequela do vírus, segundo explica Edna. A situação fortaleceu ainda mais a união e o namorado gaba-se de ter uma enfermeira particular. A família também cresceu e agora Edna tem um casal de netos que a motivam todos os dias a continuar vencendo. Apesar das evidências, haverá sempre quem irá preferir acreditar em coincidência.

O que diz o médico

*"Ela é um caso de total simbiose com a unidade, praticamente é integrante da equipe. Enfermeira jovem com muito dinamismo e muita consciência do quadro, nunca mediu esforços para desde o início combater a doença de todas as formas e foram vários trajetos já percorridos. Nunca esteve abalada psicologicamente e sempre pensando passo por passo", **Dr. Paulo Mariz.***

Combatente incansável

No futebol, seu coração seguiu dividido por muitos anos, entre dois alvinegros paulistas: o Corinthians e o Santos F.C., que tinha o pai, morto em 2002, como fiel torcedor. Mas, morando ao lado do estádio Itaquerão, não teve jeito: Emília Oliveira Ferreira, conhecida carinhosamente por Emilinha, virou corintiana roxa. A verdade é que essa paulistana de 44 anos combina com a efervescência das grandes disputas. Já no útero da mãe, dividiu espaço com o irmão gêmeo.

A infância seguiu num ambiente familiar feliz, que incluía uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Por inspiração na primogênita, formou-se técnica em contabilidade, mas seu perfil comunicativo e desenvolto encontrou melhores oportunidades na área de vendas.

O primeiro emprego no comércio quem conseguiu para Emilinha foi a mãe. Ela seguiu por 22 anos na área. Aliás, a mãe é sua grande companheira, com quem Emilinha divide o dia a dia. Dos 17 aos 25 anos, ela namorou e noivou. O casamento, porém,

assim como a maternidade, acabou não acontecendo. Trabalho, família e as amizades a preencheram muito bem e foram alternativa a uma vida convencional. Emilinha é o tipo de profissional que vibra quando fala do ofício.

Mas foi na crise que ela se descobriu empreendedora. Em 2016, por consequência da retração econômica do país, acabou perdendo seu último emprego. Decidiu investir no próprio negócio na área de propaganda promocional para pontos de venda. Resultado: até durante a pandemia do Coronavírus, a empresa seguiu crescendo e aproveitando as demandas do mercado.

"Meu primeiro exame abri sozinha, antes do médico. Fiquei tão assustada que passei muito mal e quase desmaiei".

Reflexão

"Como já disse, a doença me transformou numa pessoa com mais fé, mais espiritualizada e crente de que Jesus é nosso único salvador. Espero tirar da minha experiência um testemunho de vitória pelo Deus do impossível. Temos os médicos, mas é Deus quem coloca as pessoas certas na nossa vida e na hora certa, como os doutores Fabio e Giuliano. Não somos nada sem fé. Estamos apenas de passagem por essa vida".

Propósito transformador

Compreender o diagnóstico do câncer como marco transformador da vida é uma atitude comum entre alguns pacientes. Emilinha entende assim também. A diferença é que ela decidiu ser a protagonista desse processo e não apenas aguardar pelo inusitado de cada dia. Há exatos dez anos, Emilinha deparou-se com o primeiro resultado de exame que informava sobre a presença de um tumor em seu corpo, precisamente no intestino.

À época, o tratamento consistia em cirurgia e mais seis meses de quimioterapia. Vencido o problema, ela seguiu apenas com exames de acompanhamento. Em uma dessas avaliações, dois anos depois, um novo nódulo foi detectado, dessa vez

“Hoje, me sinto mais espiritualizada. Precisamos entregar e confiar nossa vida a Deus. Não estou condicionando a fé à minha cura. Mas sei que a doença tem sido para mim um propósito divino transformador e Jesus é o único que pode nos salvar, seja na terra ou no céu”.

entre o fundo de saco de Douglas, espaço anatômico localizado entre o útero e o reto, no caso das mulheres, e o ovário.

A conclusão médica na ocasião era de que não se tratava de tumor maligno e a recomendação foi apenas acompanhar com exames semestrais. Por quatro anos, Emilinha seguiu essa recomendação, até que em junho de 2018 novo tumor foi confirmado, porém tratamentos controversos retardaram a decisão pela cirurgia até que Dr. Giuliano recomendou o procedimento, realizado em março de 2019.

O ano de 2020 foi de certo descanso para Emilinha. O exame que deveria ter sido feito em abril só foi realizado em novembro daquele ano. Nova biópsia acusou múltiplos tumores no peritônio, mas inicialmente o médico não considerou possível operar.

Em dez anos de combate contra o câncer, Emilinha reconhece que sua maior transformação foi com relação à fé. Ela diz que sempre teve fé, mas não era uma religiosa convertida tampouco praticante. No entanto, foi na sua determinação como evangélica praticante que encontrou força para insistir contra a doença, mesmo nos momentos que a ciência insistia em dizer não. Emilinha afirma que, além da família, em especial os três sobrinhos e as duas sobrinhas -, sua principal fonte de motivação é Deus. Nele ela afirma ter encontrado muitas provas e acredita que sua doença tem propósito divino.

Frente ao desafio de ter de enfrentar mais uma batalha contra o câncer, Emilinha, finalmente, decidiu ser batizada na igreja que frequenta em maio deste ano. Para ela, foi um momento de renascimento.

O que diz o médico

*"Não tenho dúvida do exemplo de persistência da Emilinha. Ela se apega à fé e não desiste de vencer a doença, assim como se dispõe a colaborar com todo o processo que inclui novos exames, medicamentos e cirurgias. Uma paciente que reforça a responsabilidade de nosso trabalho na luta contra o câncer", **Dr Fábio Marcelo de Sá Feio.***

Árvore forte, filho idem

Aos 29 anos, Fabio Alan de Aguiar Correa exibe maturidade muito acima da idade biológica. Filho único de mãe solo, ele foi educado para ser não apenas bom filho, mas uma boa pessoa. E assim tem seguido na construção de sua história. Nascido em Santo André, foi criado em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, onde ainda mora em companhia da mãe, dona Ângela.

Sua independência ele pontua desde o berçário, quando, aos quatro meses, era levado para passar o dia, enquanto a mãe saía em busca do sustento. Aos 15 anos, Fabio também passou a contribuir com as despesas. Ingressou no Senai e começou a trabalhar na indústria. A faculdade de Engenharia de Produção permitiu a ele avançar numa carreira próspera e, assim, ampliar os motivos de orgulho de dona Ângela.

Com 24 anos, em dezembro de 2015, Fabio estava envolvido numa rotina muito comum aos jovens de sua idade. Trabalhava durante o dia e, à noite, ia direto para a faculdade. A alimentação era à base de embutidos e industrializados, para que fosse

possível fazer refeições rápidas. O que ele não sabia é que seu corpo começava a dar sinais de fadiga. Mas Fabio não entendeu.

Entre agosto e setembro daquele ano, teve sucessivas gripes e resfriados que cuidava em casa. Mas, em dezembro, uma forte tosse o obrigou a buscar ajuda médica. Os exames mostraram uma mancha no peito, o que, na verdade, era o aumento do timo, glândula que contribui para regular a defesa imunológica.

Em janeiro de 2016, Fabio foi informado que tinha o tipo T de Leucemia Linfoide Aguda (LLA) e seria preciso ficar internado para o tratamento. Sua primeira preocupação foi com a mãe, por isso, antes de ir para o hospital, foi ao banco para garantir segurança financeira a ela durante sua ausência. Para ele, a realidade só ficou clara quanto à gravidade da situação quando começou a fazer a mala para se internar. Abraçou a mãe, disse que tudo daria certo e, juntos, fizeram uma oração.

O começo do tratamento foi difícil. Fabio teve duas paradas cardíacas por reação à quimioterapia, sendo preciso ficar na UTI. Mais uma vez, foi sua mãe quem jogou luz no seu caminho e o ajudou a amadurecer em relação ao trato com a doença. Ela

"Do primeiro exame até chegar ao hematologista para iniciar o tratamento adequado, recebi muitos palpites errados como diagnóstico".

Reflexão

"Sempre fui muito maduro para minha idade, mas a leucemia me trouxe ainda mais maturidade. Entendi que temos de ter muita responsabilidade como seres humanos no mundo. A doença não avisa quando vai chegar e a qualquer momento podemos deixar de estar aqui. Precisamos ter entendimento do respeito por si e pelo próximo. Hoje, trabalho numa multinacional com a qual sonhava na cama do hospital. Mas também fui bem amparado pela empresa anterior e sou grato por isso. Quero novos desafios profissionais, mas também na área social para ajudar o próximo"

"A doença não me despertou revolta, mas talvez tristeza profunda por nunca ter passado por experiência tão difícil na vida. Foi uma ruptura da rotina corrida e de como viver o dia a dia".

trabalhou por muitos anos em recepção de hospitais, o que contribuiu para acumular alguma experiência sobre a relação dos pacientes com os processos terapêuticos.

Vocação Missionária

Membro ativo de grupo de jovens católicos, Fabio sempre esteve envolvido com ações solidárias. No início de 2015, ano do seu diagnóstico, participava como voluntário pelo GRAAC para apresentar a realidade do local para grupos de visitantes. Após passar por experiência pessoal com o câncer, Fabio ampliou os esforços em favor do próximo e, atualmente, é palestrante pela ONG Pró-Medula, além de liderar campanha na região do ABC para o cadastro de doadores, com o apoio da Santa Casa de São Paulo, entidade que concentra o banco de dados. Nos meses de maio e outubro, aniversário dele e da mãe, ambos se engajam em campanhas de doação para a ONG Ame-o.

O contato com doença tão grave fez Fabio ampliar a percepção da dor do próximo, em detrimento de queixas pessoais que, por vezes, podem ser evitadas. Exemplo disso foi quando esteve no Hospital do Amor, em Barretos (SP), para exames. Ele estava com muito mau humor quando, de repente, um jovem, sem parte da cabeça, entrou com um sorriso lindo no ambiente e recebendo o cumprimento de todos. Nesse momento, ele entendeu que como paciente de câncer não devia se vitimizar.

O que diz a médica

*"Nos encontramos a primeira vez em março de 2017. Estava em metade de seu tratamento e foi necessária a troca de médico. Momento delicado. Sempre acompanhado da dona Ângela. Ao longo desses quatro anos e meio, fomos nos conhecendo, conversando, criando uma relação de carinho. Seu tratamento acabou em setembro de 2018 e, atualmente, já nos vemos com menos frequência. Mas a foto no final da consulta é sagrada. Ele está cursando a segunda faculdade. Que orgulho!", **Dra. Daniela Ferreira Dias.***

Executor de sonhos

José Romualdo de Souza Neto, 50 anos, é homem talhado para vencer as adversidades da vida. Primogênito de dona Edite e de seo Ildebrando, retirante nordestino que, como milhares de outros brasileiros, veio a São Paulo tentar a sorte.

Romualdo nasceu em Ilhéus (BA) e chegou à cidade grande com apenas cinco anos. A família Souza aportou na Zona Leste da capital paulista, mais precisamente na Vila Formosa. Cinco quilômetros de caminhada separavam o menino de sua escola.

Aos 14, para diminuir as privações da família, começou a trabalhar como office-boy no centro da cidade e passou a estudar à noite, como fazem os jovens de família humilde que almejam melhorar de vida.

Com toda luta peculiar a um provedor de família com poucos recursos, seu pai comprou um terreno e conseguiu construir uma pequena casa no bairro. E assim, ele e os irmãos foram, cada um com seu esforço, contribuindo para

a ascensão econômica individual e, também, da família.

Uma das características dos Souza, segundo Romualdo, é a união. E é com esse senso de união que eles se desenvolveram na infância humilde, regada a muita brincadeira pelas ruas de terra vermelha de Vila Formosa. Prazeres que recheiam sua memória afetiva.

O irmão da noiva

O amor cruzou o caminho de Romualdo muito cedo e chegou para ficar. Aos 22 anos já estava casado com Solange. O irmão dela foi o cupido dessa união que já dura 34 anos e teve direito até a duas cerimônias de casamento, no intervalo de apenas três anos. É que, durante o Curso de Noivos, o padre cismou que ele era casado e, por consequência, não poderia se casar na igreja. A confusão, criada, na verdade, por conta de um homônimo, fez com que Romualdo perdesse a paciência. Os noivos decidiram, então, casar-se apenas no cartório. Três anos depois, durante uma Missa de Natal, Solange e Romualdo foram convidados para receber a bênção do casamento diante da igreja lotada. Do amor por Solange, nasceu um casal de filhos e, também, a netinha Manuela, que Romualdo chama de "pequena força da natureza".

Romualdo sempre foi profissional incansável, tarefeiro a quem se pode confiar grandes resultados. Entre tantas experiências profissio-

Reflexão

"Tudo o que passei tem um motivo e a nossa cruz é individual. Em nenhum momento questionei meu Amigo lá do andar de cima. Mas, sim, a mim mesmo por não ter entendido os sinais que Ele já havia mandado para eu aproveitar a vida de maneira mais equilibrada entre trabalho e saúde. Olhando para trás, eu faria quase tudo novamente, mas me cuidando mais, porque o dinheiro não é o que vai nos salvar. Eu poderia ter desligado antes e ter feito mais por mim do que fiz por empresários. Sou um homem de fé. Mudei minha vida radicalmente e sei que hoje morro um pouco mais rápido do que morreria sem a doença. Porém, continuo a sonhar".

"Eu e Solange nunca brigamos, apesar de termos enfrentado as dificuldades comuns ao início de vida da maioria dos casais. Por dez anos moramos numa casa que era do meu pai, para só então comprarmos nosso primeiro imóvel. Solange foi, e continuará sendo, o grande amor da minha vida".

nais, foi chamado a trabalhar em Cuiabá (MT). De segunda-feira a sexta-feira, o trabalhador incansável entrava em ação e nos finais de semana a vida ganhava o frescor da presença de Solange, que chegava para passeios pitorescos pela região.

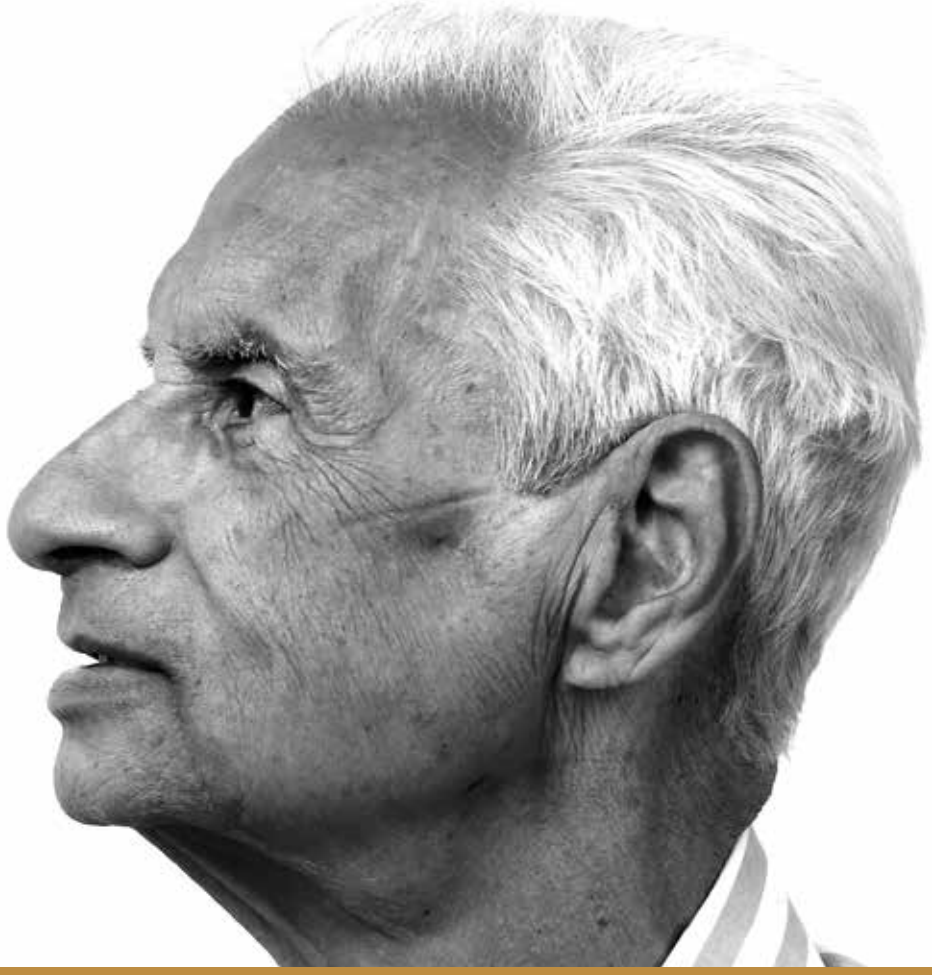
Férias prolongadas

Em novembro de 2017, essa adrenalina típica de um workaholic deu espaço para que o corpo de Romualdo exigisse mais de sua atenção. Repentinamente, ele não conseguia mais urinar. Havia acabado de chegar a São Paulo para curtir as férias com a família. Buscou ajuda médica, foi internado e no dia seguinte um médico informou que o diagnóstico era tumor no rim com metástase. Um ano e meio antes de descobrir a doença, mudanças hábitos, focadas em qualidade de vida, ajudaram Romualdo a reduzir 25 quilos do seu peso. Mas o temperamento irritadiço permaneceu e ele transferiu ainda mais energia para o trabalho. A partir do diagnóstico, foram duas cirurgias em 48 horas para, em seguida, ser encaminhado ao tratamento oncológico, que segue ativo, com o Dr. Bruno Santucci.

Foi a partir do detalhamento feito pelo oncologista que Romualdo entendeu a dimensão de seu desafio com a saúde e, finalmente, em 2018, passou a desacelerar o ritmo de trabalho.

O que diz o médico

*"Conheci 'seu' Romualdo pouco tempo depois que ele foi submetido à cirurgia de remoção do tumor no rim. Homem de família, sempre muito forte para enfrentar a sua doença, mesmo diante de notícias nem sempre boas. Sempre manteve a positividade do pensamento e a esperança de que as coisas iriam melhorar. Muito focado em sua família, sempre acompanhado de Solange, sua esposa, recebendo apoio incondicional, 'seu' Romualdo nos dá uma lição diariamente de como enfrentar as adversidades da vida. Obrigado, 'seu Romualdo', por nos ensinar o que realmente importa na vida", **Dr. Bruno Santucci.***



A criança feliz virou Dona Nenê

Maria José Carnevalli Rinaldi, de 72 anos, é dona Nenê para os íntimos. De fala suave, que se confunde com certa timidez ao primeiro contato, aos poucos ela vai se revelando uma boa contadora de histórias. Foi só perguntar da infância que ela se encheu de entusiasmo para dizer que foi uma criança muito feliz. Filha mais nova – os pais tiveram duas meninas e um menino -, nascida no Ipiranga, zona sul da capital paulista, dona Nenê revela especial admiração pelo pai.

A vida seguiu o curso normal de uma típica família paulistana. Menina obediente e estudiosa, até os 16 anos dona Nenê não dispensava um bailinho e idas à praia com os pais e irmãos, passeio que aprecia até hoje. Sua rotina de menina começou a mudar aos 17 anos, quando conheceu Humberto pelos corredores do colégio. O casamento dos jovens apaixonados aconteceu cinco anos depois, em 1972, aos 23 anos de dona Nenê e 25 de Humberto. A cerimônia foi na igreja Nossa Senhora do Sion, da qual o pai de dona Nenê era fiel frequentador.

Dessa união, nasceram Adriana, Patrícia, Humberto e Cristiane. Ao longo dos anos, dona Nenê revelou-se uma grande matriarca. Dedicou-se exclusivamente a criar os filhos e a cuidar do amado Humberto.

Reflexão

"A maior mudança que a doença despertou em mim foi, sem dúvida, aprender a externar meu sentimento de amor, especialmente pelos meus filhos e deixando claro que amo a todos eles de forma indistinta. Hoje, além de aceitar ser cuidada, a frase Eu te Amo sai com muito mais facilidade. Olho para minha vida e acho que Deus gosta de mim, pois Ele sempre colocou pessoas muito boas ao meu lado. Foi assim desde criança, com meus pais e irmãos, depois com meu marido e filhos e agora com os doutores Juliano, Fabio e toda a equipe de enfermagem da Hemomed".

A família cresceu com a chegada do netos Pietro, de 13 anos, e de Lucas, 12.

Era para ser apenas
uma ida ao supermercado

Como dona de casa dedicada, dona Nenê sempre manteve o hábito de fazer pessoalmente as compras para a família no supermercado. Naquela tarde de dezembro

de 2018, era mais uma dessas idas rotineiras. Porém, ela foi surpreendida por fortes dores abdominais e precisou ser levada ao pronto atendimento. Já sob cuidados médicos, foi submetida a exame de ultrassom. Diante do resultado, a família foi chamada para que todos fossem informados que dona Nenê iniciaria uma grande batalha pela vida: foram detectados tumores no fígado.

Resignada, dona Nenê ainda seguiu fazendo uma série de exames a fim de detectar o órgão onde a doença havia se originado. Apenas em janeiro de 2019 foi possível concluir que o tumor primário estava no intestino. No mesmo mês, foi submetida a uma cirurgia e há mais de dois anos e meio segue em tratamento quimioterápico, sob os cuidados do oncologista Fabio Feio. Os dias de luta foram suavizados com arte. Dona Nenê adotou a pintura de quadros e o artesanato como terapia. Mas ela revela que força mesmo ela encontra na família, especialmente naqueles dias em que o tratamento contra o câncer faz baixar o ânimo emocional. Dona Nenê ressalta que todos os filhos estão participando das suas batalhas contra a doença.

Do alto dos seus 72 anos, hoje ela entende que o diagnóstico de câncer não é uma sentença de morte, mas o marco de mudanças de vida. As informações científicas dão conta de que os índices de desfecho clínico positivo têm aumentado e dona Nenê está atenta a isso, fazendo sua parte e se deixando cuidar pelos médicos, enfermeiras e pela própria família, a quem ela sempre destinou tanta dedicação. Sua lucidez e gratidão incluem toda equipe médica e de enfermagem, pois hoje considera a Hemomed sua segunda casa e um lugar agradável de frequentar, o que prova o quanto dona Nenê conseguiu ressignificar a doença em sua vida.

O QUE DIZ O MÉDICO

*"A dona Maria Rinaldi chegou primeiro como paciente e no meio de sua luta pessoal, mostrou força e exemplo de companheirismo ao apoiar o marido, que também foi diagnosticado com tumor tempo depois. Uma mulher exemplar como paciente e companheira", **Dr. Fábio Marcelo de Sá Feio.***

O Humberto da Nenê

Descendente de italianos e portugueses, nascido em 1947, Humberto Vicente Rinaldi traz na personalidade a influência dos antepassados. Caçula de três irmãos, falante e de opinião firme, esse paulistano da gema nasceu em casa, pelas mãos de parteira, no bairro do Cambuci, na região central de São Paulo (SP).

Enquanto sua mãe aguardava a boa hora, a família reunia-se em torno de animado jogo de cartas. Na infância, Humberto era o Humbertinho. E entre as boas recordações está a programação de sábado em família que, tradicionalmente, virava a madrugada jogando cartas e saboreando macarrão.

A memória do Humberto busca com alegria muitas traquinagens vividas com os irmãos. Ele conta que, certa vez, numa manhã de domingo, abriu todas as bocas de gás do fogão para chamar a atenção dos pais que estavam combinando uma viagem à Aparecida (SP).

Em outra ocasião, o pai comprou um Jeep bem velhinho. O entusiasmo era tanto que resolveram lotar o carro e ir para a praia, mesmo sem a documentação em dia. O que não faltava era alegria nessa mistura de italianos com portugueses.

Na escola, seguiu firme nos estudos até concluir o ensino médio ou o 2º grau da época. Mas quando teve de optar entre seguir estudando ou se casar, ficou com a segunda opção. É que Humbertinho conheceu Maria José, a Nenê. E daí, não teve jeito, ele quis mesmo foi seguir os rumos do coração.

"Minha infância foi muito divertida. Eu era o fogo e meus irmãos eram gasolina e pólvora. Juntos nós éramos verdadeiros incendiários".

Pouco antes, o pai pediu a um amigo, dono de um chaveiro no Pátio do Colégio, no centro histórico paulistano, que ensinasse o ofício a fim de lhe garantir um profissional. Pouco antes do casamento, Humberto montou o próprio negócio na rua Basílio da Cunha, nas proximidades da avenida Lins de Vasconcelos. A popularidade não demorou a chegar e, até hoje, não há quem não conheça o Chaveiro Rinaldi na região. A loja está no mesmo endereço há mais de 50 anos.

Pelas mãos de Humberto, novos serviços foram oferecidos como a produção de carimbos e placas empresariais, para ampliar o atendimento aos clientes. Trabalho não faltou para que ele conseguisse sustentar a família e formar os quatro filhos. Com carinho, ele lembra que no início de sua jornada empreendedora, dona Nenê levava-lhe o almoço.

Humberto teve tempo de homenagear seu maior incentivador, o pai, pouco antes de seu falecimento, em 1979. Produziu uma placa com os seguintes dizeres: "Pai, tentei imitá-lo, não sei se consegui. Você foi a maior lição de vida que eu recebi".

O gatilho do estresse

A praia sempre foi destino certo para o descanso dos Rinaldi. Então, investir em uma casa própria próxima ao mar foi uma decisão naturalmente amadurecida ao longo dos anos. No final de 2019, lá estava a família reunida para a tradicional queima de fogos. O que Humberto não esperava é que apenas 15 dias depois, ao voltar para cuidar da casa, fosse sofrer um de seus maiores estresses. Um grupo de pessoas, incluindo adultos e crianças, havia invadido a casa para tomá-la como moradia.

Entre o primeiro susto e a solução final do contratempo, o que Humberto nem imaginava é que o desequilíbrio emocional estaria servindo de gatilho para o surgimento de um tumor. Afinal, os fatores genéticos podem existir no corpo humano sem que nunca seja acionada a formação de tumores. Porém, a ciência já reconhece que fatores emocionais também podem ser gatilhos decisivos no processo. E é ao fator emocional que o Humberto atribui o surgimento inesperado da doença.

Reflexão

"Somos religiosos e temos muita fé. Rezo muito. Mas gostaria que as pessoas ficassem mais atentas à saúde. Cuidassem melhor de si. Tem sido muito difícil ver o sofrimento de minha esposa e, sinceramente, preferia passar por isso sozinho, por essa luta. Faremos 50 anos de casados em 2022 e acredito que construí uma vida bem-sucedida ao lado da Nenê e dos meus filhos".

Após alguns meses de vencer o nervoso com o triste episódio na casa de praia, ele passou a se queixar de refluxo e ânsia para dona Nenê, que logo comentou com o doutor Fabio Feio, oncologista na Hemomed. Em outubro de 2020, em meio à pandemia do Covid-19, foi confirmado o diagnóstico de carcinoma no estômago.

Em junho deste ano, Humberto foi submetido a uma cirurgia bem-sucedida e segue em tratamento. Por conta da doença e da pandemia, parou de trabalhar. Mas o negócio lá no Pátio do Colégio está à espera de sua decisão se voltará ou não à labuta. Aquele Humberto falante do começo dessa história dá lugar a um senhor pensativo que, por vezes, desvia do assunto para não falar das emoções mais fortes. Mas, aos olhos mais sensíveis, fica evidente que dentro do seu peito bate um coração italianíssimo com pitadas lusitanas que acaba por deixar escapar muita sensibilidade pelos poros.

"Eu fiquei amortecido com a notícia e fui me acalmando com as explicações do Dr. Fabio. Mas eu sabia que seria uma grande luta, pois já via o sofrimento da minha esposa com o tratamento contra a doença".

O que diz o médico

*"O senhor Humberto, com seu jeito de contador de histórias, desperta o sentido da amizade em nós. Um paciente assíduo e sempre muito preocupado com a família, está sempre acompanhado das filhas e da esposa para apoiá-lo no tratamento. Ele reforça o valor da amizade", **Dr. Fábio Marcelo de Sá Feio.***

Lucas: coragem com bom humor

No Carnaval de 2018, enquanto milhares de jovens divertiam-se pelas ruas do país atrás dos blocos da folia, Lucas Luppi, aos 22 anos, improvisava, em mais uma internação, com o Bloco do Pega Medulinha. A atitude era uma forma de vencer as batalhas contra um Linfoma de Hodgkin, um tipo raro de câncer que ataca o sistema linfático.

Lucas faz parte daquele grupo de pessoas dotadas de maturidade acima da idade biológica. Apesar de ser um fazedor de graça, de manter o sorriso sempre à mostra, Lucas também carrega consigo a sabedoria de quem parece ter vivido muito mais.

A única recordação ruim que Lucas traz de sua infância foi quando, aos 14 anos, viu o pai sofrer um revés profissional. Da noite para o dia, teve de deixar a condição de funcionário para se arriscar no próprio negócio. A manobra inesperada gerou desequilíbrio momentâneo à família que ele não esquece. Fora essa passagem, Lucas fala com a tranquilidade de quem conseguiu extrair o melhor da base familiar: amor, confiança e apoio para todas as horas.

Choro, riso e bolo

Era março de 2015 e Lucas queixou-se da presença de caroços no pescoço. A primeira impressão clínica foi de possível excesso de esforço nos exercícios de academia. Um mês depois, surgiu novo nódulo e outra médica o avaliou no pronto atendimento. Dessa vez, a profissional pediu ultrassom. No vaivém dos plantões médicos, Lucas voltou com o primeiro profissional, que continuou afirmando não ser nada grave.

Porém, a doutora que pediu o ultrassom viu o resultado e entrou em contato com ele. Ela via mais do que "nada" no exame. Apesar da falta de sintomas, Lucas estava diagnosticado com Linfoma de Hodgkin, em grau dois e com evolução rápida dos tumores. O início do tratamento incluiu série de 12 sessões de quimioterapia, com Lucas ainda frequentando as aulas na faculdade. Ao final do primeiro ciclo do tratamento, no entanto, os tumores evoluíram e daí houve a indicação de transplante autólogo[1] da medula, porém sem sucesso. Em fase de tratamento, o jovem precisou ser internado para receber quatro ciclos de 21 dias de quimioterapia mais forte que o prepararia para outro transplante.

Com mudança de protocolo de tratamento que incluía terapia-alvo, Lucas também recebeu indicação para novo transplante. Segundo lembra,

Reflexão

"Mudei a percepção do que realmente importa na vida. E queria ser o melhor na minha profissão e não pensava em ter filhos. Após vencer a doença, decidi que quero ter três filhos e passei a valorizar muito mais o tempo que passo com minha noiva e minha família. Quero ser um vozinho cheio de netinhos. Também sou muito grato aos médicos e enfermagem que me atenderam. Eu sempre acreditei e confiei que sairia vencedor dessa situação. O único problema é que, com o transplante da medula do meu primo, herdei o gene de beberrão dele. Brincadeiras à parte, sou muito grato a todos que ajudaram na minha luta".

[1]Transplante autólogo caracteriza-se pelo uso de células-tronco do próprio paciente

“Não foram só gracinhas e risos. Chorei muito em alguns momentos, como no diagnóstico e quando os dois primeiros transplantes não deram certo. Mas sempre usei a alegria em meu favor. Meus pais e avós ficavam horrorizados sobre como eu ria da própria doença”.

logo na primeira sessão, os nódulos diminuíram, permitindo um segundo transplante em dezembro de 2017, dessa vez sendo sua mãe a doadora.

No entanto, a chamada "pega da medula", expressão para indicar o sucesso do transplante que se dá quando plaquetas e leucócitos sobem para níveis adequados, não ocorreu. Em 45 dias, Lucas foi submetido a novo transplante, agora de medula doada pelo primo Vinícius. Ele se diverte ao lembrar que, durante a longa internação à espera da nova medula, transformou-se no "terror" das enfermeiras. Todos os dias ele inventava um jeito de tornar a luta mais leve.

De surpresa e com a merecida comemoração, Lucas foi finalmente homenageado com bolo pela enfermagem! A medula do primo havia respondido positivamente em seu corpo e uma nova vida se anunciava. Em 2019, foi liberado para trabalhar, conseguiu estágio em um banco, onde segue efetivado e fazendo carreira.

A faculdade de Engenharia de Gestão, na Universidade Federal do ABC, Lucas foi administrando ao longo dos anos. Ingressou no começo de 2015. Parou em maio de 2016 para o tratamento. Retornou em janeiro de 2017, mas em setembro do mesmo ano precisou recuar novamente. Apenas em setembro de 2018 Lucas retomou definitivamente a faculdade, com previsão de término para 2023. Mas antes do diploma, Lucas pretende assinar um documento muito valioso: a certidão de casamento com a noiva Isabela, amor que conheceu ainda no ensino médio.

O que diz a médica

*"Garoto inteligente e curioso. Pais zelosos, presentes todo o tempo e muito queridos. Seu Arthur sempre pergunta pelo Johnny, dona Rosa nunca esquece meu aniversário. Após uma série de tratamentos e três transplantes, conseguiu retomar sua rotina familiar, de estudos e trabalho. Vai casar com a Isabela em 2022 e já têm uma filhinha de pelos linda! Muito feliz por você", **Dra Daniela Ferreira Dias.***

Luz de Marina, José e Mariana

O instinto cuidador de Luz Marina Gottardo Rocha, de 60 anos, despertou muito cedo. Talvez, pelas circunstâncias conturbadas que viveu desde cedo com o pai dependente de álcool. Ou, quem sabe, apenas o destino de quem traz luz no nome.

Luz Marina lembra que, em certa ocasião, em uma das brigas que presenciou, com apenas cinco anos, a primeira coisa que fez foi garantir a segurança da irmã mais nova, à época uma bebê que ela passou pela janela e colocou no jardim, longe da euforia paterna. Proteger e cuidar sempre foi algo muito natural em suas atitudes.

Apesar do ambiente de discussões domésticas, Luz Marina considera que o pai deu boa educação a todos os filhos e passou princípios importantes para que fossem boas pessoas. Da mãe, ela herdou o sentido de união e cresceu ouvindo que, em família, seriam sempre uma só pessoa e que todos deveriam sempre ajudar uns aos outros. Luz Marina é filha primogênita e tem um casal de irmãos.

Responsabilidade precoce

Talvez como forma de compensar as atitudes que tomava por influência do álcool, o pai de Luz Marina exigia dos filhos comportamento exemplar. Na escola, ela sempre devia apresentar os melhores resultados e, ao chegar em casa, os cuidados dos mais novos ficava por sua conta também. Ela atendia as expectativas e sempre foi muito boa aluna. A vida profissional também começou cedo, aos nove anos, como doméstica.

Dos 15 aos 19 anos, trabalhou em uma tecelagem, para ingressar no emprego onde permanece até hoje como uma espécie de curinga de um escritório contábil. São 43 anos servindo a uma mesma empresa.

A infância, a adolescência e parte da juventude tão atropeladas por tarefas de responsabilidade incompatível para a idade, geraram energia represada que Luz Marina precisava liberar. Foi no judô que ela encontrou uma forma de extravasar as emoções contidas. Luz Marina chegou à vice-liderança do Campeonato Paulista.

O ippon – golpe perfeito do judô -, no entanto, Luz Marina recebeu fora dos tatames e decidiu

"O judô marcou uma das melhores fases da minha vida. Adoro artes marciais e pensava que com o judô eu poderia descontar no meu pai o mal que que ele fazia com minha mãe. Mas, na verdade, todo sentimento negativo eu deixava no tatame"

Reflexão

"A doença me ensinou a viver o hoje. Como aquariana, sempre vivo muito com o pensamento no futuro. Aprendi também a viver mais para mim, pois minhas experiências são apenas minhas".

"Tenho muita fé e acho isso importante para a vida. Na minha luta contra a doença, coloco em primeiro lugar Deus, depois o Dr. Bruno Conte, que é um médico fora do normal. Acredito que só vem para nossa vida aquilo que podemos superar"

abandonar o esporte. Em 1982, um novo vizinho recém-chegado ao condomínio passou a lhe chamar a atenção de forma especial.

Era José, um mineiro criado no Piauí e que acabava de chegar a São Paulo, vindo do Rio de Janeiro. Começaram a namorar e, após cinco anos, casaram-se.

A maternidade representou alguns desafios dolorosos no início com a perda da primeira filha aos seis meses de vida e depois um aborto espontâneo. Mariana, única filha do casal, chegou após três anos e é a grande alegria da família.

José e Mariana são grandes companheiros de Luz Marina na batalha contra o câncer. Há quatros anos, o diagnóstico de tumor no pâncreas abalou a todos, desde então, José se mantém presente em todas as fases de tratamento, enquanto Mariana, a cada nova internação da mãe, muda-se para o hospital. Luz Marina já necessitou de cinco internações por reações adversas ao tratamento.

"Meu ambiente familiar me inspirou a cuidar das pessoas e também a ser dedicada aos estudos. Não queria levar problema da escola para casa"

O que diz o médico

*"Desde o início me adotou como um filho, criamos um vínculo maior que o de médico-paciente. O medo e a insegurança do desconhecido diagnóstico foram preenchidos por confiança e união, visto que sempre estamos em "família" em todos os encontros. É assim que a Luz me faz sentir, alguém da família, um apoio maior que técnico, um sentimento que traz força para lutar contra qualquer adversidade", **Dr. Bruno Conte.***

Renovada pelo perdão

O jeito tímido de Maria Angélica Paoleschi, de 54 anos, nada revela da menina travessa que ela foi na infância. Gostava mesmo era das brincadeiras mais comuns aos meninos, como empinar pipa, andar de carrinho de rolimã, e reconhece: foi muito briguenta na escola e liderava a sala de aula. Na vizinhança, era a criança que tocava campainha e saía correndo. Os pais Jacira e José tiveram cinco meninos e quatro meninas. Maria Angélica é a mais nova das mulheres.

A partir dos 11 anos, o esporte a ajudou a liberar parte de tanta energia. Passou a praticar vôlei como levantadora e sua excelente performance garantiu que representasse várias escolas. O esporte esteve presente até a fase adulta, quando chegou a competir em equipe Máster.

De família humilde, o trabalho também chegou cedo à sua vida e, aos 12 anos, já trabalhava numa fábrica de costura e, depois, em lojas de shopping center. Aos 18, já estava casada com Rogério, a quem conheceu numa escola de

informática. Da união do casal, nasceu a única filha, Michelle. A família ficou maior com a chegada das netas Samira, de nove anos, e Micaela, nascida durante a pandemia da Covid-19. Ambas são sua terapia de amor no combate à doença.

Programados para o amor

O marido de Maria Angélica trabalhava em uma escola de informática em 1983, quando a informatização passou a fazer parte obrigatória da vida contemporânea. Numa daquelas promoções que atraía novos alunos, Maria Angélica acabou

"Acumulei muito sentimento de ódio pela traição que sofremos nos negócios. Hoje, vejo que poderia ter preservado minha saúde se tivesse agido e reagido de forma mais acertada. Mas a doença também motivou minha conversão religiosa, o que me trouxe muita fé para lutar e mudou meus sentimentos".

Reflexão

"Sei que, por conta dos problemas profissionais, relaxei com os cuidados preventivos de saúde. Cheguei até a fazer um exame a pedido de uma médica que não gostei e, por isso, deixei de saber antes que algo de errado podia estar acontecendo com meu corpo. Então, quero dizer às pessoas que vivam um dia de cada vez, não guardem mágoa e que aprendam a perdoar. Sei que não é fácil, mas precisamos perdoar. Toda doença no começo tem mais chance de cura. Então, se houver o diagnóstico, busquem tratamento, tenham fé e, se possível, não reclamem. Se tiver vontade de chorar, chore. Depois enxugue o rosto e siga em frente sorrindo. E não esqueçam de colaborar com o médico e a enfermagem. Na Hemomed, o atendimento deles torna o tratamento mais suportável".

“Hoje, posso dizer que sou feliz com a vida que tenho. Aprendi a acreditar em dias melhores, sem deixar de viver e aceitar a luta de cada dia. Coloquei mais bom humor na nossa rotina e procuro aproveitar ao máximo o amor de minhas netas, que são grande motivação de vida para mim”.

conseguindo uma vaga e conhecendo o amor da sua vida durante as aulas de programação.

Mais tarde, já casados, trabalharam juntos em escola profissionalizante, a qual criaram em sociedade com um amigo. O negócio prosperou por muito tempo e Maria Angélica diz ter sido muito enérgica na condução profissional da empresa. Infelizmente, irregularidades por parte do sócio foram descobertas e Maria Angélica e Rogério se desligaram do negócio em 2009.

Na visão de Maria Angélica, esse rompimento, que envolvia amizade e dinheiro, foi o grande gatilho para o desenvolvimento do câncer de mama diagnosticado em 2013.

Maria Angélica conta que, durante o banho, percebeu um caroço na axila. Não perdeu tempo. No dia seguinte já procurou o ginecologista e recebeu o encaminhamento para o mastologista. Logo após a confirmação do diagnóstico, Maria Angélica foi encaminhada ao oncologista Fabio Marcelo de Sá Feio, com quem mantém o tratamento. O sentimento que invadiu seu coração foi de perda, de perspectiva de fim de vida. Mas a ajuda e o apoio de pessoas especiais criaram formas mais positivas de olhar para a nova realidade.

A caminhada contra o câncer tem contado com a presença constante do marido e com o amor da filha e das netas. Maria Angélica destaca a religiosidade como um marco no enfrentamento da doença. Além da fé, ela também aprendeu a rir e a ressignificar o momento de vida.

O QUE DIZ O MÉDICO

*"Maria Angélica é exemplo de como os pensamentos e as atitudes positivas das pacientes podem contribuir com o tratamento do câncer. Aproveitar os avanços da medicina, associados ao positivismo dos pacientes, pode mudar as expectativas negativas iniciais, muito comuns a quem é diagnosticado com câncer", **Dr Fábio Marcelo de Sá Feio.***

Milena: uma menina-mulher

Milena Lúcia Costa Oliveira, moça risonha de 39 anos, é uma típica criança grande. O sorriso de menina esconde as atribulações que o diagnóstico de câncer de mama lhe trouxe. Caçula de três irmãs, Milena sempre foi muito cercada de mimos não só da família. Seu nome, por exemplo, foi escolhido pelos vizinhos, de quem é afilhada, de onde vive desde que nasceu e permanece, mesmo após o casamento de 12 anos.

Seu jeito quase pueril vem de uma infância prolongada. Até os 13 anos, idade que muitas meninas buscam descobrir os encantos da puberdade, Milena ainda brincava de bonecas e conta que, até o Ensino Fundamental, seu mundo resumia-se à vizinhança do bairro onde mora.

O pai, Sebastião, funcionário da Petrobras, sempre viajou muito a trabalho. Então, ficava para a mãe Jaci a missão de zelar pelo cuidado das três filhas. Sendo a menor, Milena recebia sempre a maior carga de cuidados e preocupações.

De maneira geral, sempre foi boa menina. Só rompia com as regras rígidas de liberdade para

fazer o que mais gosta: bolos. Quando o assunto era fazer uma de suas receitas, valia até matar aula para ir para a casa das amigas exercitar os dotes culinários. Digamos que se tratava de uma saborosa travessura.

No Ensino Médio, o mundo começou a crescer para Milena e, finalmente, ela começou a sair do bairro de forma rotineira para estudar em Santo André, o que a permitia até andar de ônibus sozinha. Era o início de uma era de mais independência.

Namoro de brincadeira

Aos 18 anos, Milena começou a trabalhar e logo fez amizade com duas irmãs que falavam muito do tio Walber. Milena o imagina um típico tiozão, até que foi apresentada a ele e o tempo transformou as amigas em sobrinhas. Foram cinco anos de namoro, sem que Milena assumisse Walber para a família. Sentindo que a moça estava de brincadeira, ele desistiu do namoro e ficaram um ano separados.

Numa segunda fase do relacionamento, Milena apresentou Walber à família e o romance seguiu firme, com noivado e, finalmente, o casamento, ocorrido em 2009. A vida uniu dois baladeiros que priorizaram as viagens para curtir os primeiros anos de casamento.

"Fiz faculdade de hotelaria, mas nunca atuei. Mas ainda sonho em trabalhar com gastronomia".

Reflexão

"É claro que tenho dias difíceis, mas a psicologia tem me ajudado muito. Minha família me dá muito acolhimento. Tenho muita fé e entendo a doença como um propósito maior para minha vida. Não ser mãe foi muito mais difícil do que enfrentar o câncer. Mas preferi seguir minha luta com otimismo e alegria. Os efeitos colaterais do tratamento eu vejo como gotas de cura e procuro não reclamar. Quero curtir cada minuto da minha vida e conduzi-la com mais leveza. Com 80 anos, meu pai me leva às sessões de tratamento e meu marido sempre está comigo também. Digo que minha família vai sempre à Hemomed comigo para tomar aquele chocolate gostoso".

“A Hemomed me abraçou e as palestras que promovem me ajudam muito a seguir com o tratamento. Quando perdi os cabelos, fiquei mais vaidosa, me maquiava e adorava usar lenços coloridos e brincos grandes”.

Uma aluna paciente

O diagnóstico do câncer de mama pegou Milena de surpresa no meio das tentativas de fertilização e inseminação artificial para engravidar. Pouco antes, exames revelaram que ela é portadora de útero didelfo – má formação uterina que coloca a mulher vulnerável à gravidez de risco -, o que tornaria arriscada a gravidez por método natural.

O desejo pela maternidade tornou-se forte e ela e Walber buscaram tratamentos alternativos, a fim de garantirem gestação segura e saudável. Em meio às pesquisas e tratamentos para engravidar, Milena acabou descobrindo um nódulo na mama direita.

A confirmação do tumor aconteceu em janeiro de 2019 e o marido foi o primeiro a saber.

Milena conta que tomou um choque de realidade logo na primeira consulta, mas, desde o início, interessou-se em saber o máximo de informação sobre a doença a fim de contribuir com o tratamento.

Sem parar de trabalhar na secretaria da escola onde é funcionária há 20 anos, Milena passou por 16 sessões de quimioterapia, fez mastectomia direita e o esvaziamento da axila no primeiro ano de tratamento. No final de 2019, ela foi surpreendida por metástase óssea e, em setembro de 2020, por um novo foco na axila esquerda. Nesse ano, ela teve recidiva na mama direita. Milena segue em tratamento oncológico e sob acompanhamento da equipe interdisciplinar. É uma paciente que participa das atividades de entretenimento e informação, propostas pela Hemomed. E, claro, sempre alegrando os ambientes por onde passa.

O que diz o médico

*"Paciente sempre muito alegre, mesmo diante das adversidades. Não desanima por nada, mesmo que a doença lhe imponha limites. Sabe dos desafios que virão pela frente, mas está sempre pronta para enfrentá-los com um sorriso no rosto e esperança no coração. Obrigado por nos deixar cuidar de você e nos ensinar que sorrir é o melhor remédio.", **Dr. Bruno Santucci.***

Nas trilhas com Priscila

"Meu nome é Priscila e hoje, aos 46 anos, fazendo um retrô de tudo que vivi realmente, daria um livro. Tive uma infância bem humilde, mas muito acarinhada por alguns parentes queridos que sempre foram muito presentes em minha vida. Sempre fui uma garota quieta e dispersa, mas nada que mudasse o contexto da história. Minha família é pequena, composta atualmente pela minha mãe e minha irmã, que é casada. Meu pai faleceu em 2020, em decorrência de doença crônica. Ele sempre nos proporcionou muito mimo com desejos que tínhamos, e isso sempre foi minha base. Formei-me em Letras, depois me pós-graduei em tradução e fiz cursos de extensão em escrita criativa que eram os meus sonhos de infância.

Duas das minhas paixões são a leitura e viagens internacionais, das quais não abro mão e faço sempre quando posso. Infelizmente, com o diagnóstico que tive, em 2014, de câncer de mama, foram poupados os sonhos de conhecer muitos lugares, mas serviram como aprendizado sobre diversos

pontos da minha vida. Em 2017, também tive uma recaída e o câncer voltou em alguns pontos do meu corpo, momento esse que procurei ajuda profissional para poder levar de forma leve e confiante o tratamento que sabemos que, uma boa parte, se torna desagradável pelas mudanças infelizes que ocorrem no nosso corpo.

Sempre fui alguém que lutou pelos objetivos e sonhos e encarei o que estava vivendo como um breve intervalo do que viveria num futuro próximo e resolvi, nesse período, passar um tempo sabático comigo mesma, a fim de aprender e tirar alguma lição de uma segunda virada na minha história. Saía pra preencher meus pensamentos, dançava, fazia viagens curtas, comprava roupas e sapatos novos, maquiagens, acessórios, tudo que pudesse, apesar do tratamento, me trazer um pouco de confiança na pessoa que estava ali num duelo consigo mesma. Tudo isso só foi possível porque tive profissionais incríveis ao meu lado, me fazendo ver o quanto eu era forte e capaz e isso devo a uma psicóloga incrível que, com o tempo, reconheceu minha evolução mental e emocional e uma médica que até hoje tem me carregado no colo, não só agindo profissionalmente, mas colocando a atenção, o carinho, a dedicação, o tempo e toda a inteligência como tempero essencial no cuidado. Eu fui agraciada por tamanha sorte por fazer parte dos seus pacientes.

"É claro que tudo na vida depende exclusivamente de duas coisas: nossa fé e nossa vontade de vencer".

A minha forma de ver tudo que passei e ainda passo está relacionada à positividade, que é uma forma de conversa interior que realizamos ao nos confrontarmos com nossos próprios medos e insegurança. Como paciente oncológica sempre procuro ver o lado bom de toda situação, sofrer menos por antecipação.

Embora ainda seja uma principiante nesse contexto, também posso adicionar a questão da fé, do que você acredita e confia, o apoio que recebe de pessoas que querem seu bem e o estímulo por parte de uma equipe hospitalar que trabalha em conjunto e que sabe o que cada paciente ali possa estar sentindo, compreendendo o lado de cada um e seu posicionamento diante de diversos fatores que muitas vezes levam algumas pessoas a rotularem como egoísmo ou ingratidão.

"O amor-próprio, o cuidado e autoestima tem que andar entrelaçados, mesmo que seja difícil se olhar no espelho e ver uma imagem que você jamais reconheceria num passado distante".

A doença deve servir para abrir nossos olhos, ouvidos, mente, coração e fazer com que busquemos o bem-estar, principalmente, mental, pois esse entra em jogo quando somos confrontados, muitas vezes, por nós mesmos e sentimos vontade de largar tudo.

O que você tem é o agora e o agora é que tem que ser remodelado. Eu consegui, e ainda estou em processo de aprendizagem, buscar meu equilíbrio e reconhecer que já cheguei longe, mas que posso chegar mais ainda, se aprender com meus próprios passos. Um degrau por vez, um dia por vez, mente positiva, pensamentos de qualidade e pessoas a nossa volta que nos acrescentem em nossa jornada tão difícil, porém necessária no momento em que estamos vivendo.

A linha de chegada pode ser árdua, trabalhosa e distante, mas se não buscarmos formas de driblarmos nossas ansiedades nunca conseguiremos chegar no final dela. Meu depoimento é resultado de amadurecimento pessoal e coragem de seguir até onde nos seja permitido e, também, um incentivo para todos aqueles que passam por isso possam reavaliar seus questionamentos e se surpreenderem com suas vitórias. Trilhemos juntos!!!"

**Depoimento escrito pela paciente.*

O QUE DIZ A MÉDICA

Paciente tão querida... aquela pessoa que no meio do caos dos primeiros dias da pandemia, entra no seu consultório, logo pela manhã, com uma máscara inteira de paetê dourada! Nossos caminhos se cruzaram em um momento em que ela atravessava um período de grande fragilidade física e emocional. Na nossa caminhada, tivemos boas notícias e outras nem tão boas, trocamos protocolo de tratamento, fizemos inúmeros exames e tivemos infindáveis conversas. E durante todo esse período ficaram evidentes suas positivas transformações, seja em suas mudanças físicas (cabelos com plástica nos fios, cílios alongados e até coach nutricional). A única coisa que não mudou foi o tamanho do salto alto! E ela se equilibra elegantemente nos imensos saltos, assim como aprendeu a se equilibrar durante as adversidades da vida. E agora, me sinto imensamente realizada como médica e como ser humano, quando falo, repetidamente, nas consultas que seus exames continuam todos normais. Sinto-me muito grata e honrada por fazer parte de sua trajetória e como ela sempre diz: Trilhemos juntas! ***Dra Daniella Adolpho***

Um anjo para chamar de meu

Gabriel, irmão mais velho, sempre foi o ídolo de Rafael, o protagonista dessa história e que tem ainda Gabriela e Daniel como irmãos também muito queridos. Mas era o primogênito que ele sempre quis copiar, tamanha a admiração. Na infância, chegava a chorar muito quando Gabriel se ausentava para ir à escola ou qualquer outra atividade.

Rafael cresceu em ambiente de chácara, em meio a muita natureza, galinhas e animais de estimação. Os irmãos eram seus principais amigos. Seu principal traço de personalidade é a introspecção. Rafael é um jovem observador e à medida que o interlocutor ganha sua confiança, ele se solta e fala com detalhes sobre as experiências profundas vividas em apenas 20 anos.

Em 2016, pouco antes de completar 15 anos, Rafael começou a perder peso, ao mesmo tempo que chegou a 1m80 de altura, muito rápido. Então, não havia por que se preocupar, já que essa mudança na adolescência. Mas, outros sinais davam conta de que algo não estava bem com sua saúde. O cansaço

excessivo aparecia no banho e nas peladas de futebol.

O jeito foi recorrer à investigação médica. Da ida ao pronto atendimento, o pedido do primeiro hemograma até o fechamento do diagnóstico e o início do tratamento foram exatos três dias. Rafael estava com Leucemia Mieloide Aguda (LMA), um dos tipos mais agressivos da doença. Os exames apontaram que seu sangue estava com 85% de células cancerígenas. A primeira sessão de quimioterapia aconteceu em dezembro de 2016.

Rafael passou a travar uma luta de gigante contra a leucemia. Seu corpo passou a responder com graves infecções ao tratamento quimioterápico. Já no primeiro ciclo, ele teve febre muito alta. No total, foram cinco internações em UTI. A solução para Rafael era o transplante de medula, pois a cada novo ciclo de quimioterapia sua imunidade ficava em níveis muito arriscados para que ele fosse afetado por vírus e bactérias.

Nesse estágio da doença, ele já tinha se afastado da escola, perdido vida social e, quando estava de alta em casa, passava muitas horas deitado refletindo sobre como sua rotina tinha mudado. A depressão acabou batendo à porta. A mãe, sempre muito presente, é que garantia a força para Rafael continuar sua luta pela vida.

Com tão pouca idade e na fase das descobertas dos encantos da adolescência, Rafael teve de voltar para si e administrar sentimentos como revolta, raiva e frustração. Muito jovem, ele não encontrava resposta para a clássica pergunta: por que comigo?

Reflexão

"O câncer foi um divisor de águas para mim. Sobraram apenas três amigos, porque na adolescência não sabemos muito bem como lidar com um amigo doente. Mas amadureci minha escolha profissional. Quero ser médico para ajudar a cuidar das pessoas. Todos os profissionais da saúde passaram a ser uma referência para mim. E aos jovens que, como eu, podem viver essa experiência, quero dizer que vivam a vida como ela estiver, sem parar e esperar por dias melhores. Por muito tempo, parei de viver e me isolei, achando que só haveria vida se eu me curasse. Mas a vida nunca parou de acontecer".

“Quando eu estava doente, muita gente dizia que eu aprenderia muito com tudo aquilo. Eu me irritava com essa fala. Mas aprendi sim, como, por exemplo, o valor das coisas simples. Pela janela do quarto do hospital eu via pessoas caminhando no parque, comendo algodão doce e eu queria apenas poder fazer aquilo também”.

Apenas em setembro de 2017 foi possível a realização do primeiro transplante de medula óssea e o doador foi o pai. Um mês depois, Rafael comemorava em casa o crescimento dos cabelos e já sonhava com uma vida livre de remédios fortes e com a retomada de atividades comuns à sua idade. Mas novo teste avizinhava-se a esse guerreiro.

Em dezembro de 2018, veio a nova internação. A medula foi perdendo produção e Rafael passou a sobreviver de transfusões, inclusive na fase mais aguda recebeu células de defesa. Nessa fase, duas infecções virais e uma por fungo também o debilitaram ainda mais. A saída era tentar o segundo transplante.

O segundo transplante chegou em março de 2018 e, dessa vez, a doação vinha de seu grande ídolo: o irmão Gabriel, que tem nome de anjo como Rafael. Na volta à nova vida que aconteceu efetivamente em 2019, ele estava ansioso por aproveitar mais os amigos, a família, além de conhecer mais pessoas.

Na retomada dos estudos, ocupou espaço de destaque e colecionou reconhecimentos. Ganhou certificado de Aluno Nota 10 em todos os bimestres e ainda levou medalha na Olimpíada Brasileira de Robótica como o melhor da sua escola. Rafael diz que hoje exibe entrosamento social muito melhor, pois tem sede de viver e não quer perder tempo. Para ele, o tratamento do câncer é uma experiência muito longa, pois parou sua rotina em 2016, retomada apenas em 2019. Quando chegou 2020, veio a pandemia, que colocou o mundo dentro de casa. Rafael agora é pássaro que quer e pode voar.

O que diz a médica

*"Desde muito jovem, esse pequeno homem começou seus tratamentos. Iniciou com a equipe pediátrica até que, quando necessário o transplante, o conheci. Tímido e dono de um sorriso lindo. E não foi fácil ... primeiro transplante do pai e vieram as infecções. Segundo transplante do irmão e, finalmente, conseguiu! E sempre acompanhado de Tatiana, sua mãe", **Dra. Daniela Ferreira Dias.***

Nocaute no pragmatismo

Paulistano de 56 anos, Sergio Ricardo Davanso sempre foi o típico trabalhador workaholic. Filho de pai metalúrgico, a infância reservou-lhe algumas limitações financeiras que ele começou a vencer muito cedo. Aos 14 anos foi trabalhar como office-boy e, daí por diante, construiu uma carreira bem-sucedida.

O sonho de menino era cursar faculdade de Educação Física, mas a vida profissional começou a ganhar outros rumos quando surgiram no mercado brasileiro os primeiros computadores pessoais (PCs) e as oportunidades na área de informática eram quase que imediatas a quem dominasse o assunto.

Como office-boy, Sergio teve a oportunidade de cobrir férias de profissionais de quase todas as áreas da empresa onde trabalhava, privilégio que lhe rendeu uma visão ampla da operação. Quando chegou a hora da companhia investir na informatização com a compra dos chamados PCs, entenderam que a pessoa mais adequada para auxiliar no processo era ele.

A essa altura da vida, já estava casado e a primeira filha havia nascido. Detalhe: o gosto pela prática espor-

tiva permitiu que num jogo de vôlei ele conhecesse a esposa, com quem está casado há 35 anos. Seu objetivo maior naquele momento, no entanto, era crescer profissionalmente e garantir mais conforto à família. E, assim, a carreira foi evoluindo com Sergio sendo alçado a cargos cada vez mais destacados.

Em 2006, com quase 30 anos de estrada, pediu o desligamento de uma empresa líder de setor, na qual já desfrutava da participação societária para, finalmente, dedicar menos tempo ao trabalho e mais a viagens de lazer. Seguiu assim até 2011. Em 2014, Sergio resolveu investir numa espécie de terapia do sabor: ingressou numa das melhores faculdades de gastronomia do país e graduou-se como Chef de Cozinha.

Além de estudar por prazer, também passou a se dedicar aos treinos de tênis para competir em campeonatos amadores. Até 2017, ele viveu, junto com a esposa, novo ciclo de prazeres viajando e, vez em quando, fazia algum trabalho que não lhe ocupasse muito tempo. Com uma vida tão ativa que incluía rotina esportiva, Sergio estranhou quando subitamente passou a sentir cansaço além do normal, em outubro de 2017.

Com o pragmatismo que sempre norteou sua vida, não perdeu tempo e buscou investigação médica. E a notícia inesperada foi Leucemia Linfóide Aguda (LLA). O nível de plaquetas era de apenas quatro mil. Após o diagnóstico, Sergio foi submetido a oito sessões de quimioterapia, concluídas em abril de 2018. Em seguida, começou o tratamento de manutenção e, em dezembro de 2020, veio a tão esperada remissão. Além dessa grande vitória, em meio à sua luta Sergio foi presenteado com um novo amor: a netinha Marina

Reflexão

"Com certeza extraí alguns aprendizados. A primeira coisa que essa doença nos ensina é que não somos nada. Outro aprendizado é que não temos tempo a perder. Os valores mudam depois do câncer. Hoje sou menos corrido do que antes, mas não posso mudar minha personalidade. Quando vejo que estou muito acelerado novamente, procuro recuar um pouco. Também é importante dizer sobre a importância de o paciente fazer o que os bons médicos recomendam. Mas não podemos viver pensando que nunca iremos morrer".

Chorei por uma semana logo após saber do diagnóstico. Depois usei minha razão, me apeguei à ciência para atravessar o desafio".

que completa dois anos em outubro de 2021.

Parando o gigante

Sergio é um homem altivo e transmite determinação frente à vida. Ele diz que sempre foi o mais comunicativo da família, formada por mais dois irmãos. A mãe está com 82 anos e o pai faleceu em 2001, vítima de câncer de boca.

A informação de que ele mesmo teria de vencer um câncer, obviamente, pegou-lhe de sobressalto, mas não diminuiu sua capacidade de análise do problema para a devida tomada de ação.

Foi no sentimento de amor à família que Sergio encontrou o apoio necessário para enfrentar a maior batalha que a vida já lhe trouxe.

A comunicação fácil também serviu para se transformar num paciente popular. Não por acaso, ele reconhece no time da Hemomed muita humanização e afirma que todos – da recepção aos médicos – foram fundamentais para que as sessões de tratamento fossem mais leves. Basta deixar o carro com o manobrista que recepção e enfermagem já sabem: Sergio Davanso chegou. E, ao entrar, passa a contagiar a todos com sua alegria e muita disposição.

O que diz a médica

*"Quando finalmente ia começar a aproveitar os frutos do seu trabalho, precisou iniciar o tratamento. Foram longos cinco meses de internações frequentes e mais dois anos e meio de terapias ambulatoriais. Teve que pausar seu esporte favorito, o tênis, e deixar de comer no Sujinho. Mas valeu a pena. Agora nossos encontros são mais rápidos, mas sempre alegres, conversamos sobre tudo. Ele retornou ao esporte e acho que a Carla, sua esposa, está jogando melhor, atualmente ... rsrsrs. Também retomou as viagens e iniciou uma nova e prazerosa profissão: ser avô da Marina. Ele é só sorrisos quando fala nela. Meus queridos pacientes amigos, obrigada pela convivência e aprendizado. Sou melhor pessoa por terem compartilhado suas vivências comigo. Seguimos juntos", **Dra. Daniela Ferreira Dias.***

Viver é sua diversão predileta

O avô paterno de Simone Ferreira Sega deixou como herança a "Ferreirada", que nada mais é do que a tradução em festa da força da união dessa família. Desde cedo, ela foi orientada sobre a importância da comunhão familiar, quando aos domingos o avô reunia netos e filhos para catequizá-los com a leitura da Bíblia. Todo final de ano, a tradição se cumpria e a festa da Ferreirada acontecia.

Por isso, quando a irmã foi morar em Indaiatuba, no interior de São Paulo, há três anos, logo Simone deu um jeito de deixar a capital paulista e ser sua vizinha. E assim ela segue perpetuando o DNA festeiro da família, pois até na pandemia deu um jeito de fazer festa junina, mesmo que adaptada às regras de prevenção contra a Covid-19.

Simone tem sorriso largo e gosta mesmo é de sair para dançar, viajar ou mesmo receber família e amigos em casa. O fato é que ela vibra estando com muita gente no seu entorno. O jeito faceiro de ser, na infância, escondia uma criança que temia decepcionar os pais, o que não significa

que ela tenha sido podada de suas alegrias. O pai, ela afirma, foi muito rígido, mas amoroso, enquanto a mãe permanece como fiel companheira e a quem ajudou cuidar de um câncer diagnosticado dois anos antes do seu.

A primeira experiência de Simone com tumor foi em 2018, quando foi detectado um em sua tireoide, mas sem grandes intercorrências. Em abril de 2019, durante autoexame, ela notou algo estranho e procurou direto um mastologista. Fez os exames e sozinha pegou os resultados pelo site do laboratório. O primeiro pensamento foi de que não conseguiria ver os filhos casarem e nem conhecer os netos.

"Coloquei na minha cabeça que viveria um dia de cada vez e me apeguei à fé e consegui levar vida normal. Também encontrei muito apoio com a equipe da Hemomed. Tenho amor especial pelas enfermeiras".

Reflexão

"Se eu já me sentia amada por minha família e amigos, hoje sou uma pessoa que tem ainda mais certeza desse amor e sou muito grata a todos eles. Aprendi que podemos sim chorar e ficar triste, mas não podemos aceitar o diagnóstico do câncer como sentença de morte. Os recursos da ciência estão aí para nos ajudar a vencer a doença e enquanto temos médicos, enfermeiros e remédios, temos chance de vitória. A tristeza só ajuda a dificultar a cura. Hoje, tenho sonhos renovados de viver, 'baladar', dançar. Sempre gostei de viver e agora mais ainda".

“Meu sorriso constante nunca foi para esconder nenhuma tristeza, como fazem algumas pessoas. É natural, faz parte de mim e quem me conhece sabe disso. O sorriso nos ajuda a superarmos as adversidades com mais leveza”.

Após contar ao marido e à irmã, Simone foi se acalmando e refletiu melhor sobre suas chances de luta e disse a si mesma que não iria morrer. Três meses após o diagnóstico fez cirurgia e o tratamento medicamentoso começou em janeiro de 2020, pouco antes do início da pandemia, e incluiu seis meses de quimioterapia, além de radioterapia.

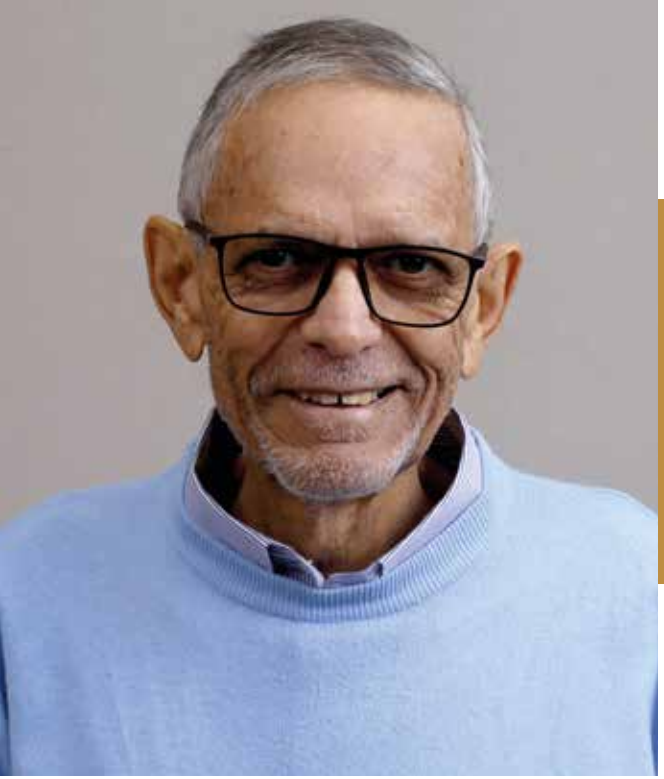
Uma outra característica marcante de Simone é a vaidade. Perder os cabelos fez dela uma mulher ainda mais atenta à beleza. Raspou a cabeça e passou a se maquiar com frequência, valorizando cada contorno do rosto enfeitado por sorriso.

A mudança na forma de Simone encarar a própria doença acabou por ajudar os próprios familiares no processo. A mãe, segundo conta, era a que mais chorava, pois havia vivido a experiência com o câncer poucos anos antes. O marido e os filhos foram fundamentais e não deixaram o desânimo aproximar-se da família.

"Meu avô paterno foi meu grande exemplo do valor de família. Ele teve nove filhos e sempre nos ensinou a importância da união. Sigo seus ensinamentos"

O QUE DIZ A MÉDICA

*"Eu comecei a acompanhar a Simone durante seu tratamento oncológico. Depois, ela trouxe sua mãe, dona Tereza, para também realizar seu tratamento comigo. Para mim, é uma demonstração de confiança. Além de ser muito gratificante, a confiança é um dos pilares da relação médico-paciente", **Dra. Daiane Pereira Guimarães.***



Vicente: homem de força

Para alguns, a vida acontece em doses homeopáticas. Para outros, traz toda sorte de experiências, parecendo saber que ali se trata de uma pessoa que veio mais para ser exemplo do que para aprender.

Com seu porte elegante, fala tranquila e olhar firme, Vicente Vieira Quionha da Silva é referência de resiliência frente às adversidades. Nascido em Cubatão, na Baixada Santista (SP), filho de Maria e José, ele seguiu ainda criança para Campinas, no interior de São Paulo, onde recebeu boa parte de sua criação.

Único filho homem e com três irmãs, Vicente foi lançado muito cedo à condição de apoio de família. O pai faleceu quando ele tinha apenas oito anos e a mãe foi vítima de infarto quando ele tinha 12 anos. Diante da realidade difícil, Vicente afirma que a sorte começou a mudar só após os 35 anos. Antes disso, ele conheceu as agruras geradas pela extrema pobreza.

O primeiro casamento veio cedo, aos 24 anos e a união seguiu sem filhos. Mas companheira

mesmo, ele conheceu no início dos anos 1990, quando veio morar na capital paulista. Ela atende por Maria Aparecida, com quem Vicente completa 30 anos de união em 2021.

Mas antes de chegar a esse porto seguro, Vicente protagonizou muitas lutas, especialmente no campo profissional. Pelo interior de São Paulo trabalhou por longos anos como comerciário e depois como representante comercial, o que lhe exigiu muitas viagens. O sonho da faculdade só foi possível aos 35 anos, quando se graduou em Gestão de Serviços.

Uma segunda carreira nasceu depois da pós-graduação em Arbitragem Jurídica, área em que atua há 30 anos. O trabalho, aliás, sempre foi bom companheiro de Vicente. Ele já venceu o tratamento de uma tuberculose e uma hepatite C trabalhando. Lembra que, comparado ao tratamento do câncer, a hepatite foi muito mais difícil do ponto de vista físico. Porém, desta vez, a pandemia não permitiu que ele continuasse a trabalhar.

Pouco antes de o mundo entrar em quarentena, Vicente submeteu-se a um tratamento para a retirada de água dos pulmões. Em setembro do ano passado, precisou operar uma hérnia umbilical e foi

"Só pude investir nos estudos após os 35 anos. Graduei em Gestão de Serviços, mas sou um estudioso da área jurídica, onde pós-graduei e atuo como conciliador no Tribunal do Trabalho"

Reflexão

"Meu legado de vida gostaria que fosse um espelho de incentivo à vida e exemplo de que é possível superarmos as dificuldades, se fizermos de nossa cabeça nosso guia. Espero que quem ler minha história, consiga entender isso".

“Sou um homem muito sensível e prestativo, mas de personalidade forte também”

aí que os médicos perceberam que havia algo mais a ser investigado. Um tumor no fígado foi diagnosticado. A primeira sessão de uma série de seis sessões de quimioterapia ocorreu em março de 2021. Um novo ciclo deve se iniciar para reforçar o tratamento.

Apesar dos desafios – ele emagreceu 58 quilos em seis meses -, Vicente afirma que é preciso desenvolver alguma tranquilidade para conviver com a doença e, sobretudo, respeito. É certo que, além dos 69 anos de muita experiência de vida, ele acumula o conhecimento da espiritualidade, que também lhe confere conforto e força para seguir nas batalhas da vida. Vicente é, na verdade, um homem que transmite conhecimento e sabedoria pelo olhar firme e terno ao mesmo tempo.

"Estou convivendo com o desafio com muita naturalidade, porque não nasci com isso e vou melhorar. Não são só os médicos e os remédios que ajudam. Eu também preciso valorizar os esforços da ciência e fazer a minha parte".

O QUE DIZ O MÉDICO

*"Na relação médico e paciente da especialidade oncológica, somos expostos a manifestações de resiliência, humildade e aceitação, que nos ensinam maneiras mais brandas e humanas de convivermos com nossas realidades. O senhor Vicente me proporcionou esta experiência, o que é sempre enriquecedora", **Dr. Hélio Pinczowski.***

Alegria poderia ser o seu nome

Quem conhece Viviane Oliveira da Silva Lourenço, a Vivi, não imagina que naquele pouco mais de 1m60 de altura cabe tanta alegria de viver. Mas, logo no primeiro cumprimento ela transborda uma personalidade contagiante. Impossível não abrir um sorriso ao seu lado. E esse jeito faceiro faz parte de Vivi desde criança. Criada pela mãe, após a separação dos pais, aos 9 anos de idade, era nas brincadeiras de rua que ela se divertia.

Com esse jeito acelerado de viver a vida, Vivi conheceu o marido, Vagner – seu primeiro e único namorado – aos 13 anos, em São Bernardo do Campo, cidade onde nasceu. Ele tinha 19 anos à época. Quatro anos depois, Vivi engravidou da filha Victória e há seis anos teve o segundo filho, Vinícius. Mas antes, a certa altura do namoro, o casal foi morar em Viçosa, Minas Gerais. A vida simples dos dois jovens seguiu cheia de emoção e muito trabalho. Vivi atuava como prestadora de serviços domésticos.

Parte da sua alegria Vivi também empres-

tava para alegrar as crianças da igreja evangélica que frequenta. Anualmente, ela se fantasia de Chiclete para esparramar boas energias para as crianças, em evento religioso especialmente realizado para elas. A vida agitada como profissional doméstica, somada aos compromissos como mãe e dona de casa, chegou ao fim quando o segundo filho nasceu.

Ela preferiu ficar em casa para dar mais atenção à educação dos filhos. Mas não pensem que Vivi se dedicou apenas ao lar. Logo descobriu o dom para cozinhar, especialmente doces e bolos. E transformou-se numa respeitável confeiteira, repleta de encomendas. Irrequieta, quando Vinícius completou quatro anos, ela sentiu vontade de trabalhar fora novamente e retornou, em setembro de 2018, para a mesma casa de onde havia saído logo após o nascimento do filho.

Diagnósticos cruzados

No final de 2018, algumas barreiras emocionais entre Vivi e seu pai começaram a ruir. Ele veio de Minas Gerais para São Paulo buscar tratamento para um tumor no esôfago. Havia uma semana que tinha retornado ao trabalho e

"Sempre fui muito arteira, espoleta mesmo. Gostava de jogar bola, fubeca, estar junto dos meninos para brincar como eles e com eles".

Reflexão

"Aprendi que devo ser quem eu quiser ser e não o que as pessoas determinam para mim. Amo ser alegre e levar alegria às pessoas. Sofri muitas críticas por ser assim. Mas hoje, após vencer o câncer, senti que minha fé estava sendo testada e que a alegria é um forte remédio. Em troca, Deus colocou vários anjos na minha vida, como o Dr. Ariel e demais médicos, assim como a enfermagem e outros pacientes. E claro: meu marido, meu eterno herói. Hoje sei que todos nós temos uma força gigante que só descobrimos quando vivemos uma situação limite".

"Tenho pavor de agulha e só lembro que a enfermeira Luara disse que seria preciso me furar, mas que se não encontrasse minha veia, ela não insistiria. Ela encontrou na primeira tentativa".

decidiu pedir demissão para ajudar a cuidar do pai. Porém, poucos meses depois, em março de 2019, foi a vez dela defrontar-se com o diagnóstico de câncer. Mais precisamente, de um Leucemia Mieloide Aguda (LMA). Antes mesmo de conseguir estender as mãos para ajudar o pai na luta contra a doença, Vivi teve de entrar em tratamento com a máxima urgência.

Tudo começou com uma forte fadiga e algumas manchas apareceram pelo corpo. Em seguida, uma inflação na garganta e o sangramento da gengiva a levaram a procurar ajuda médica. Os primeiros exames já indicaram que algo de muito errado estava acontecendo com seu corpo. As plaquetas baixaram para seis mil, contra o mínimo de 140 mil para indicar alguma normalidade de saúde. Bastou os médicos confirmarem o diagnóstico e definir o tipo de doença para que ela fosse encaminhada à internação e, em seguida, transferida para a UTI, onde conheceu a dra. Kelly Serrano, a primeira médica a lhe dar amparo.

Ela se recorda que a primeira internação totalizou 34 dias para que pudesse receber o tratamento inicial de quimioterapia. Na volta para casa, ganhou uma festa da vizinhança. A primeira alta hospitalar coincidiu com o Dia das Mães de 2019, quando ela raspou a cabeça pela primeira vez. A partir de sua própria experiência com o câncer, Vivi passou a ressignificar tudo o que pensava sobre tal diagnóstico. A primeira mudança foi entender que não se trata de uma sentença de morte, mas da possibilidade de um recomeço diferente. Ela se apegou a grandes motivações para lutar pela vida: a primeira delas foi Deus. Depois, a família – marido, filhos e mãe – e, por fim, os amigos.

“Liberar o perdão e desapegar das coisas materiais foram grandes aprendizados para mim. Entendi que tudo que conquistamos nesse mundo não vale nada quando estamos sem saúde”.

Mas foi durante as longas internações que Vivi provou o poder da sua alegria. Ela não economizou brincadeiras, entre elas a de atuar como entrevistadora das enfermeiras e outros pacientes, além das muitas selfies e vídeos publicados nas redes sociais. Ela arrumava a própria cama no hospital e quando as pessoas chegavam chorando para visitá-la, ganhavam o conforto emocional ao gargalharem das estripulias de sua criança interior, que vive mais para fora do que para dentro. Até a psicóloga, surpresa com seu ânimo, sugeriu que ela tinha o direito de expor as tristezas. Mas Vivi determinou que não deixaria o câncer mudá-la para pior, afinal alegria lhe cairia muito bem como nome.

"O câncer me ensinou que precisamos conquistar o amor e o afeto das pessoas. Prefiro arrancar sorrisos delas, pois quero que lembrem de mim pelo que eu sou e não pelo que eu tenho".

Em julho de 2019, na segunda alta hospitalar, após a última sessão de quimioterapia, Vivi fantasiou-se de Chiclete para mais um congresso infantil da igreja que, dessa vez, aconteceu na rua da sua casa. Durante o evento, atuou como verdadeira atriz, alegrou os pequenos e os adultos também, pois todos sabiam que ali tinha uma incansável batalhadora. Porém, ao final, teve nova baixa de plaquetas que, dessa vez, caíram para três mil. Uma nova volta para o hospital foi inevitável.

Durante os longos períodos de tratamento, Vivi não apenas usava o ânimo pessoal como remédio, como também aproveitava para observar conversas paralelas que aconteciam bem ao seu lado. Não para bisbilhotar, mas porque lhe traziam muito aprendizado. Certa vez, dividiu quarto com uma senhora que, em conversa por telefone, ostentava riqueza financeira, ao ponto de afirmar que R$ 20 mil era dinheiro de cafezinho para ela. Enquanto isso, Vivi analisava: "o que uma mulher com tanto dinheiro faz aqui,

dividindo um quarto de hospital comigo"?

Vivi conquistou admiradores dentro e fora do hospital. Seu tipo de doença demandou muita doação de sangue e algumas campanhas foram criadas pelos familiares e amigos. O que ninguém sabia é que sua popularidade levaria número recorde de doadores ao hemocentro. Foram mais de 450 doadores entre sangue e plaquetas. Obviamente que todo esse volume de coleta não se destinou apenas a repor o estoque utilizado por ela. Portanto, enquanto Vivi lutava por sua vida também ajudou a salvar outras centenas com as doações que atraiu em seu nome. Infelizmente, seu pai faleceu em outubro de 2020. Porém, houve tempo para que os dois trocassem gestos de afeto.

"Ajudei a cuidar do meu pai na sua última semana de vida. Ele faleceu segurando a minha mão, enquanto eu disse no seu ouvido que ele estava perdoado e também pedi perdão a ele".

O que diz o médico

*"Com ela, doceira de mão cheia, aprendi que açúcar também se leva no coração. Que sorriso é como brigadeiro, sempre cabe mais um. Que é possível tremer diante de uma agulha, mas, mesmo assim, manter a coragem para enfrentar as maiores adversidades, mantendo o brilho de uma estrela no olhar. E que anjos não precisam ter asas", **Dr. Ariel Testasicca Trunkel.***

Ela atende por Viva!

Quando uma pessoa atende pelo apelido de Viva, há de se esperar um ser de grande alegria e que irradia as melhores energias por onde passa. Viviane Raymundi, Viva no ambiente familiar, é essa perfeita tradução, associada à alegria e à gratidão por viver.

Filha caçula de Gerson e Cleyde, aos 15 anos decidiu que queria trabalhar, mesmo contra a vontade do pai. Eram os primeiros sinais de que Viva queria voar. Mas, foi aos 20 anos de idade que a fase libertadora se iniciou. Entre as inquietações comuns aos jovens, ela sempre flertou com as atividades nas áreas de humanas. O primeiro sonho foi com o jornalismo. Mas à época, a disputa por uma vaga na faculdade era muito acirrada. Então, enquanto não era aprovada no vestibular, decidiu fazer teatro. Começou em um grupo amador chamado Molambo Trampo, ainda em Santo André.

Eram os anos de 1980, a juventude alternativa estava em ebulição e as artes cênicas eram uma das poucas oportunidades de expressão possível

da época.

Viva virou palhaço e, depois, Magali. Por um ano, a jovem que queria ter e dar voz às mais variadas causas sociais, levou alegria a crianças e adultos atuando como a Magali da Turma da Mônica, criada pelo grupo Maurício de Souza. Na mesma época, cursou um ano da faculdade de Serviço Social, na PUC-SP. O teatro e a faculdade, na verdade, permitiram que a jovem irrequieta de Santo André passasse a frequentar a cidade grande. Conhecer mais sobre a capital paulista e ir a lugares que, até então, só ouvia falar e conhecer pessoas multiculturais, alimentava seu desejo por saber mais sobre o mundo.

"Nessa altura, eu já estava com 20 anos e fazia parte de grupos que discutiam sobre as várias formas de liberdade, incluindo os direitos da mulher, a expressão de opiniões e toda transformação que pudesse propiciar um mundo socialmente mais justo".

"No teatro, tive contato com a diversidade social e passei a viajar com a Turma da Mônica pelo Brasil".

No final do primeiro ano interpretando a Magali, Viva finalmente ingressou na faculdade que sempre sonhou: jornalismo. A mudança de foco profissional, então, foi natural e sua primeira experiência foi no jornalismo sindical, tema muito efervescente na região do ABC na década de 1980. O tipo da efervescência que Viva sempre gostou de experimentar.

Em nova fase profissional, e ainda cursando jornalismo, outras mudanças pessoais também aconteceram. O amor bateu à porta e atendia pelo nome de Mauro. A chegada de um namoro para chamar de sério trouxe uma certa calmaria para a jovem que tanto ansiava pela liberdade e

"Heloísa trouxe muita dor, mas muito aprendizado e união para toda a família"

Reflexão

"A maior transformação que notei em mim foi aceitar ser cuidada e admitir minhas fragilidades. Sempre fui a que cuidava do outro, muito responsável com tudo e com forte desejo de controle das coisas. Aprendi que outras pessoas também podem fazer coisas por mim. Mas, por outro lado, fiquei menos tolerante com tudo o que não me acrescenta como ser humano e me centrei no núcleo menor da família. Quero dizer também que não podemos nos sentir culpadas por termos a doença. É preciso acreditar que o tratamento dará certo para o melhor que tiver de ser".

também tranquilizou os pais Gerson e Cleyde, que abandonaram o controle excessivo e mudaram-se para o interior do Mato Grosso. Como o único irmão já vivia longe, eles a deixaram praticamente morando sozinha, aos 23 anos. Apesar de desejar conhecer a diversidade do mundo, o amor sem vínculo afetivo não lhe parecia confortável. Longe de se apegar a convenções morais e sociais, Viva prezava, na verdade, pelo respeito ao corpo feminino e acreditava que o sexo só devia acontecer por vontade mútua e não por casualidade. A primeira união estável, então, veio após seis anos de namoro. Sim, a primeira. Mas os detalhes dessa história estão mais adiante.

Um amor chamado Heloísa

Em 1997, três anos após a união de Viva e Mauro, chegou a primeira filha, Heloísa. Nascia uma portadora de grandes aprendizados não apenas ao casal, mas para toda a família. Aos quatro meses de vida, a pequena Heloísa passou a ter fortes crises de refluxo sem que houvesse diagnóstico preciso.

No primeiro aniversário da bebê, mais de 200 convidados, entre familiares e amigos, com-

"Quando soube do diagnóstico, minha primeira sensação foi de muito medo. Saí do consultório chorando muito e logo que cheguei na rua, encontrei um casal de amigos que me levou a uma cafeteria, onde conversaram bastante comigo. Me acalmei e contei para o meu marido. Tornei público em seguida e decidi não me vitimar, nem perguntar por que comigo?"

"Tento segurar minha ansiedade e deixá-la livre, sem super proteção. Ao contrário de mim, Bia é muito caseira. Somos muito amigas, mas sempre lembro que eu que sou a mãe"

pareceram à festa, tamanha a popularidade que Heloísa havia desenvolvido em tão pouco tempo. Ela atraía muitas pessoas empenhadas em ajudar no diagnóstico e no tratamento que lhe garantisse qualidade de vida. Ao final de seus dois anos e meio, Heloísa partiu. O diagnóstico mais aceitável foi um erro inato de metabolismo, mas que até hoje não é considerado totalmente exato.

Um amor chamado Bia

Logo após a partida de Heloísa, Viva e Mauro saíram em viagem por uma semana. Pensar em uma nova gravidez só despertava o sentimento de medo no casal. Compreensível, já que a luta foi grande, incessante e a perda era irreparável. Mas um novo amor logo se colocou a caminho. Em novembro de 2000, chegou Beatriz. E é claro que a segunda chance de maternidade fez de Viva uma mãe com medos justificáveis. Durante os primeiros dois anos e meio de vida, Bia foi submetida a todos os exames que Heloísa, a fim de garantir que nenhum problema de saúde aparecesse de surpresa. Hoje, Bia e Viva são grandes amigas e Mauro conta com amor em dobro.

Crise dos 40

E porque perfeição é fruto de expectativa exagerada, Viva se permitiu mergulhar na crise dos 40 anos e sentir toda ordem da nova fase de inquietudes. Iniciou uma verdadeira revisão de si mesma, investiu no autoconhecimento, questionou a rotina do casamento e, por fim, aos 43 anos, separou-se e foi viver sozinha com Bia. A distância foi produtiva, permitiu a ambos a oxigenação necessária para que o essencial fosse priorizado. Após três anos, Viva e Mauro voltaram a namorar e a saborear o melhor da vida a dois. Em 2017,

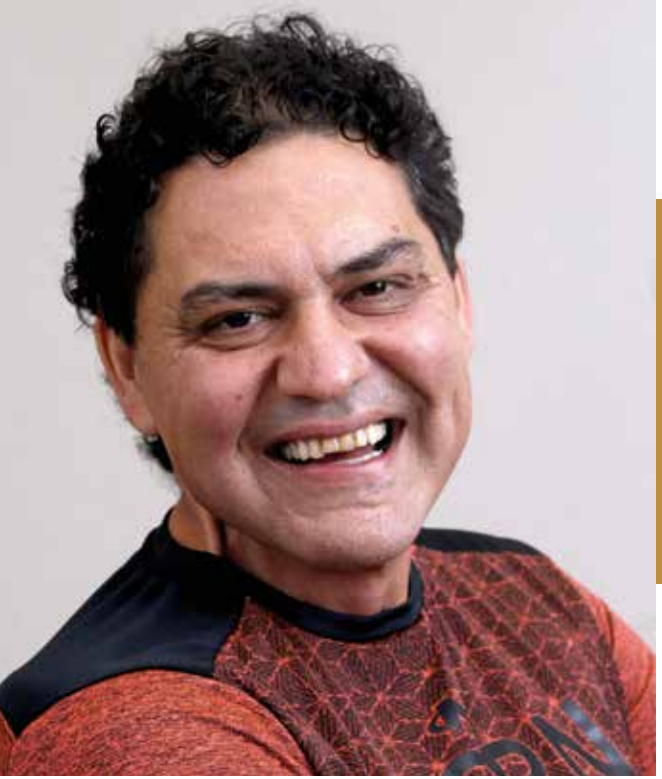
passaram a morar juntos novamente.

Em julho do ano seguinte, no entanto, Viva notou que algo não ia bem com sua mama direita. Ignorou. Ela não queria aceitar um novo momento de turbulência. Em 2010, em meio a fase de separação, já havia perdido seu pai. Então, a gangorra emocional tinha provocado muitos desequilíbrios nos últimos anos e o que ela queria mesmo era viver um período de paz. Na campanha Outubro Rosa de 2018, ao ser exposta a muitas informações sobre o câncer de mama, ela lembrou da mama direita e sentiu medo. Resolveu, então, procurar o ginecologista. Resultado: em dezembro, antes mesmo do Natal, ela já havia sido submetida a sessões de quimioterapia e os cabelos tinham caído.

Viva decidiu olhar para o que a cercava de positivo, como a rede de apoio que se formou no trabalho, na família e entre os amigos. Avaliou que estava sob os cuidados de profissionais de saúde acolhedores e que lhe transmitiam confiança. Seguiu à risca as orientações médicas e da equipe interdisciplinar e passou a aceitar toda ajuda que lhe ofereciam para atravessar a batalha anunciada. Venceu todos os desafios contra a doença e agora segue o tratamento com inibidores hormonais. Ainda decidirá se fará nova tentativa de intervenção estética, para colocar implante de mama, pois a primeira não foi bem-sucedida. Agora Viva tem se dedicado a apenas o que considera realmente essencial realmente na vida.

O que diz o médico

*"Exemplo de superação e dedicação durante a jornada do tratamento. Mesmo com tantas dificuldades envolvidas, desde o início procurou seguir as recomendações de forma disciplinada e sempre aberta às críticas e sugestões. Admiro sua sensibilidade e perspicácia, assim como sua curiosidade e capacidade de debater ideais.", **Dr. Bruno Conte.***



Amor, ciência e devoção

Dores do Indaiá é uma cidadezinha de pouco mais de 13 mil habitantes que fica na região Centro-Oeste de Minas Gerais, distante mais de 240 km da capital Belo Horizonte. É de lá que, há 37 anos, Wellington Geraldo Miranda veio buscar melhores condições de vida em São Paulo. Ele tinha apenas 15 anos e veio a convite de amigos conterrâneos que abriram caminho.

Wellington é filho de família grande. Os pais José Eugênio e Maria Tereza tiveram 12 filhos. Nem sempre a vida financeira foi de escassez. O pai, conhecido na região como Zé Gordo, foi dono de fazendas e comitivas de gado.

Porém, os negócios faliram e Zé saiu de casa, deixando aos filhos mais velhos a missão de cuidar dos mais novos. Wellington, no entanto, não rompeu a relação com o pai, com quem passava férias escolares.

O começo da vida em São Paulo foi marcado pela aventura de morar com mais seis amigos numa república, onde todos precisavam ajudar nas tarefas domésticas, após o dia de trabalho. E com

tantos mineiros morando juntos, não faltavam as delícias típicas.

O primeiro emprego indicado pelos amigos foi numa indústria, mas Wellington não se adaptou e logo migrou para a carreira de vendedor. Alguns anos depois, montou uma empresa de bijuterias com a qual trabalha até hoje.

O casamento chegou cedo, aos 24 anos. E seu amor atende pelo nome de Dulceli. Juntos tiveram o filho Heitor, com quem Wellington curte shows de rock. Pai e filho já curtiram 14 horas de Monsters of Rock. Aliás, a família gosta mesmo de ficar em casa, curtir diversões juntos, de preferência, ouvindo boa música.

O filho é um jovem atípico por ser muito "grudado" aos pais. Por outro lado, Wellington atribuiu o estilo caseiro da família, em parte, à sua infância difícil, que hoje o faz valorizar muito o carinho e o contato físico.

Caminhada de fé

Ao falar do diagnóstico de neoplasia, que chegou em 2016, Wellington não demonstra muita emoção. Mas basta tocar no nome de Nossa Senhora Aparecida que ele transborda de sentimento. Como devoto da santa, ele segue, anualmente, em caminhada para Aparecida (SP), para agradecer as bênçãos recebidas.

Em 2008, Wellington já havia retirado

Reflexão

"O que mais a gente aprende é que devemos valorizar coisas muito simples como um abraço no filho, um eu te amo para a esposa, estar mais presente à mesa com a família. Passei a valorizar a qualidade dos meus relacionamentos, inclusive, com meus irmãos para quem também passei a dizer que amo. Hoje também ouço que sou amado. Para minha mãe, aprendi a pedir a bênção. Temos um grande ganho espiritual. Mas também precisamos entender que o diagnóstico de câncer não é diagnóstico de morte. A pior situação é se entregar à doença e antecipar todo processo. A pessoa acaba indo embora antes do câncer. Temos de preservar a fé e valorizar os profissionais que tratam da gente".

"Costumo chamar esses processos de desafio e de aprendizado. Acredito que seja uma oportunidade que Deus nos dá para que aprendamos algo que podemos estar deixando de lado".

alguns nódulos da tireoide. Em ambos os casos, a doença foi detectada logo após um quadro de estresse intenso.

Sua luta contra o câncer já dura cinco anos e, nos momentos menos prováveis de recuperação, ele surpreende com a redução do tumor. Conta que, ao longo do tratamento, já viu sumirem dois nódulos e um que tinha três centímetros, no último exame estava com menos de um centímetro. Para Wellington, não há dúvida de que suas batalhas têm sido vencidas pela combinação da fé com a ciência. E ele segue fazendo planos para realizar em família. Em breve futuro, quer viver com a família no interior, em cidade não muito longe da capital.

"Sair de Minas era um sonho antigo, para que eu pudesse encontrar melhores oportunidades de crescer profissionalmente. Quando meu amigo me convidou para vir para São Paulo, foi minha chance de sair para um centro maior".

O QUE DIZ O MÉDICO

*"A presença dele é imperceptível, só que não. Praticamente chega a mil na unidade, fala com todos e dá muita risada, do consultório já percebo sua presença de longe. Muitos pacientes olham para ele com admiração, pensando como chega neste ânimo sempre, apesar de sua doença, mas é porque ele sempre deixou claro que doença nunca vai pegá-lo e ponto final. É uma pessoa muito religiosa, sempre com a sua esposa, que nunca faltou, e muito politizado. Passamos muito tempo conversando sobre política e sempre convergimos", **Dr. Paulo Mariz.***

HEMOMED
INSTITUTO DE ONCOLOGIA E HEMATOLO

Rodrigo Santucci, diretor de Relações Institucionais

Adelson Alves, fundador e presidente

Bruno Santucci, diretor Médico

Milene Santucci, diretora Executiva

Julia Pinheiro Medeiros, CEO

Compromisso com o futuro

Aos 25 anos, a Hemomed firma compromisso com o futuro e se lança ao desafio de continuar a crescer rompendo os paradigmas relacionados ao tratamento de qualidade para o câncer.

O grande salto da empresa, a partir de 2014, foi baseado no modelo inovador de gestão, com foco em desfecho clínico com previsibilidade de custos por paciente, dentro de uma estrutura monitorada e controlada da especialidade para garantir os melhores resultados e assertividade a toda linha de tratamento.

A Hemomed nasceu e segue como empresa familiar, mas parte para novo ciclo de crescimento com a responsabilidade ampliada, focada no resultado. Com estrutura de governança corporativa, acredita ser possível avançar sua atuação em nível nacional e possibilitar grandes avanços para toda a cadeia de atendimento: operadoras, hospitais, mas, sobretudo, com foco no benefício dos pacientes.

Seu modelo próprio de gestão em oncologia baseia-se na combinação da melhoria do desfecho clínico com previsibilidade econômica. É esse alicerce que sustentará o crescimento da empresa nas próximas décadas, não apenas na oncologia, mas também em outras especialidades nas quais a instituição avalia ser possível aplicar o modelo exclusivo de negócio.

Missão científica

A vocação científica da Hemomed é inconteste. A pesquisa clínica está presente no dia a dia da organização e conta com um

centro dedicado à pesquisa e estudo permanentes. Em 2008, nasceu o IEP Hemomed como forma de garantir consistência científica às investigações sugeridas pelo corpo clínico, formado por oncologista e onco-hematologistas.

Por isso, pensar no futuro da Hemomed é necessariamente contar com os esforços do seu braço científico. Nesse 2021, quando completa 25 anos, a instituição comemora a primeira edição do Hemomed Oncologia Programa Educacional (HOPE), evento que nasceu com apoio e reconhecimento dos parceiros para promover a troca de conhecimento acerca do diagnóstico e do tratamento do câncer.

A Hemomed também tem como visão ampliar sua presença na comunidade científica como referência na promoção de pesquisas, além do intercâmbio nacional e internacional para o avanço da medicina oncológica e onco-hematológica no Brasil.

O compromisso com sua área de origem sofrerá novos e inevitáveis desafios à medida que o envelhecimento da população mundial se confirme no ritmo estimado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos até 2050. O Brasil, nesse cenário, será até 2030 a quinta maior população de idosos do planeta.

Infelizmente, o principal fator de risco não modificável para o câncer é a idade. Por isso, em acordo com a recomendação da OMS para o fomento do envelhecimento saudável, a Hemomed também quer avançar nas próximas décadas como disseminadora de infor-

mação para a promoção de melhores hábitos de vida, a partir da prática de exercícios, alimentação saudável, combate ao tabagismo e ao etilismo.

O foco será nas ações em favor da saúde como forma de prevenção ao câncer e aos tipos mais agressivos da doença. Ainda que a ciência não tenha avançado com a descoberta de terapias que garantam a cura total do câncer, já é possível afirmar que o estilo de vida é fator de grande influência no desenvolvimento de vários tipos de tumor.

Um só time

A Hemomed cresceu não apenas por boas ideias, mas, principalmente, porque muitas pessoas acreditam no propósito da empresa. Nasceu discreta para atender a demandas de mercado, mas cresce sobre bases sólidas pautadas pela ciência e a ética.

A empresa tem corpo clínico altamente qualificado, equipe de enfermagem de reconhecida competência técnica e tantos outros profissionais que aprimoram permanentemente suas habilidades administrativas operacionais para que sua história siga deixando legado, não apenas na prática da medicina, mas também na construção organizacional de sucesso.

Nesses 25 anos, a Hemomed amadureceu como instituição empresarial e desenvolveu seu traço cultural próprio, que hoje norteia a integração daqueles que chegam para fortalecer o grande time que a levará para o futuro de novas e maiores conquistas. A Hemomed seguirá sua história em favor da vida.

Aponte a câmera do seu celular e
acesse o conteúdo digital dessa obra

Apoio

Dr.Reddy's
gsk
IPSEN
Innovation for patient care

EMS
Lilly
ONCOLOGIA
SANOFI
Takeda
ONCOLOGY